

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANDRÉ LUIS LIMA CAVALCANTE

**RAÇA BRASIL (1996/1999):
A REVISTA DE QUAIS NEGROS BRASILEROS?**

UBERLÂNDIA-MG
2021

ANDRÉ LUIS LIMA CAVALCANTE

**RAÇA BRASIL (1996/1999):
A REVISTA DE QUAIS NEGROS BRASILEROS?**

Monografia apresentada no Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Marta Emisia Jacinto Barbosa.

Uberlândia-MG
2021

Agradecimentos

À minha mãe, que me criou e me deu seu nome, Lucy Lima Cavalcanti (*in memoriam*).

Ao meu pai, exemplo de vida, que me serviu de espelho em minha caminhada, Albaces Cavalcanti (*in memoriam*).

À minha mãe biológica, Dorothea Nascimento (*in memoriam*).

Aos meus irmãos, Isaura Lima Cavalcanti (*in memoriam*), Antônio Carlos Lima Cavalcanti (*in memoriam*), Aldecy Lima Cavalcante, Aldacy Lima Cavalcanti (*in memoriam*), Aldalucia Cavalcanti Ribeiro dos Santos, Adonae Lima Cavalcanti Araújo de Aguiar, Alacy Cavalcanti Bastos, Albaces Cavalcanti Filho, Zilmar Cunha de Jesus, Alaialba Lima Cavalcanti, Valéria dos Santos e Valéria Ramos.

A Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa, pela compreensão e pelas conversas sobre o tema discutido.

A minha companheira, Fernanda Vilela Morais, e aos amigos de longa jornada, Heliane Nogueira de Freitas, Aline Pimentel Romani, Leon de Aguiar Martins e Nélio Santos.

Resumo

Este trabalho discute a Revista *Raça Brasil*, autointitulada “a revista dos negros brasileiros”, no contexto do avanço do movimento negro e seus desdobramentos durante o período de 1996 a mais ou menos 1999. Investigo os números da revista desde seu lançamento, procurando evidenciar o papel fundamental que teve na construção identitária de jovens de periferia, em sua maioria negras e negros. A pesquisa também discute o mito da “democracia racial” como um dos grandes desafios dessa nova juventude no final do século XX. Problematisa a necessidade de uma sociedade mais justa para os jovens de camadas mais pobres e desfavorecidas em nosso país, que perpassa pelo racismo, seja ele de forma estrutural, individual ou institucional, ligado ao cotidiano dessa juventude negra.

Palavras-chave: Racismo. Democracia racial. Revista Raça Brasil. Movimentos negros. Identidade cultural e racial.

Sumário

Apresentação	6
Capítulo 1 - Uma geração de dúvidas, acertos e erros no processo de redemocratização do Brasil, no final do século XX.	13
Capítulo 2 - A construção da identidade cultural pela revista. Uma questão de raça e classe.	39
Considerações Finais	64
Fontes	71
Referências Bibliográficas.....	73

Apresentação

Discutir o movimento negro ou a condição dos negros no Brasil é importante devido ao momento em que passamos a ter visibilidade, em uma sociedade racista que dissemina a desigualdade social entre negros e brancos, sejam mulheres ou homens, utilizando-se de mecanismos de dominação, como os meios de comunicação de massa, rádio, televisão e revistas.

O início do preconceito no Brasil se dá com a chegada de negros e negras para trabalharem como escravizados nas lavouras de cana de açúcar. A partir deste momento, a vida de pessoas negras tem sua história transformada. Uma transformação que é colhida pelas gerações e mais gerações de brasileiros que não conseguem explicar por qual motivo não confiam ou têm um preconceito, formado historicamente, contra pessoas que não sabem sequer a origem de sua formação enquanto sociedade. Enquanto tentamos transformar nossa realidade cruel em uma simples vida, com direitos básicos, educação básica de qualidade, dignidade nos trabalhos executados por nós, entre outros direitos reivindicados durante o processo de escravidão brasileira e sua continuidade após o fim desta mesma escravidão:

Desde o final do século XIX, ainda no império, mas fundamentalmente com fim da escravidão e com o advento da República (respectivamente 1888 e 1889), as discussões sobre a construção da “nação brasileira” girava em torno da questão racial. Era necessário construir uma identidade nacional. Entretanto tendo em vista a enorme influência das teorias raciais do século XIX... Como construir uma identidade nacional – naquele momento ligada diretamente à ideia de raça que se constituía – com uma população cuja sua maioria descendia de ex-escravizados de origem africana e indígenas, considerados inferiores. (PEREIRA, 2010, p. 45).

No início do século XX, o movimento negro brasileiro enfrenta, com a ciência europeia, a ideia da eugenia que é trazida para o Brasil como a salvação do povo brasileiro: quanto mais negros se casassem com pessoas brancas, menos negros haveria em nosso país. Essa é primeira causa do embranquecimento da população negra. Outra estratégia foi a imigração em massa de italianos e alemães no início deste mesmo século: com isso, apagar a identidade negra do país. No ano de 1923, Robert Abbott, fundador do jornal *Chicago Defender*, não teve seu visto concedido para visitar o Brasil:

Robert Abbot, mesmo sendo um preto rico, dono de um dos maiores jornais da imprensa norte-americana naquele momento, teve seu visto de turista negado no início de 1923, quando fez sua primeira tentativa de visitar o Brasil. Ainda assim, continuando com a propaganda da ideia de “colonizar” algumas áreas pouco exploradas em território brasileiro, ele reportou em matéria publicada em seu jornal no dia 24/11/1923, que o mesmo governo brasileiro subsidiava a entrada de milhares de italianos, e surpreende que mesmo com tudo isso ele não tenha mudado sua opinião sobre a “liberdade racial” no Brasil ainda nos anos 1920. A matéria intitulada “Italian families go to Brazil to form big colony”, dizia o seguinte: Italianos planejam colonizar uma grande área no Brasil com auxílio dos governos brasileiro e italiano (...). O plano é conceder 50 acres de terra para cada família (...) Se os italianos podem, não há uma boa razão para que nossos agricultores do Sul não possam fazer a mesma coisa, e fazer melhor.” (PEREIRA, 2010, p. 48).

Assim, o Brasil, durante o início século XX, foi invadido por europeus, fugidos da Primeira Guerra Mundial, da miséria que assolava a Europa, tudo subsidiado pelo governo brasileiro. E a pergunta que nunca se quer calar: como ficaram os negros brasileiros após a abolição?

No início do século XX, o movimento negro começava a criar associações que iriam lutar contra um racismo que apregoava as seguintes ideias: a criação de uma nação brasileira totalmente miscigenada era o melhor caminho para não contrariar o senso comum da época; não deveríamos nos incomodar porque a ciência dizia que os negros no país iriam desaparecer com o tempo. Nestes anos, surgiram o jornal *Clarim d'Alvorada*, fundado em 1924, e a associação de combate ao racismo da época *Frente Negra Brasileira* (FNB), fundada em 1931. A *Frente Negra Brasileira* (FNB) tornou-se um partido político que, mais tarde, foi destituído pelo Estado Novo.

Durante o século XX, outras associações negras em combate ao racismo foram criadas. Com o fim do Estado Novo, tivemos o *Teatro Experimental Negro* (TEN), de Abdias do Nascimento, em 1944, e a *Associação dos Homens de Cor*, em 1943. Com a ditadura militar, a partir de 1964, o movimento negro passou a sofrer repressão, e suas lutas tornaram-se muito mais vigiadas neste período.

Mesmo nesse contexto histórico, o movimento negro continuou suas atividades na clandestinidade. É importante lembrar que negros e negras sempre foram reprimidos em suas ações coletivas, independentemente dos governos que estão no poder de nossa nação. Com o advento da redemocratização do país, este movimento apareceu novamente articulado e teve suas pautas históricas, com mais de três séculos de repressão, reconfiguradas. Devemos

entender que o racismo é uma teia de ações, utilizadas para desconstruir e eliminar a população negra desde sua introdução no Brasil.

Este trabalho tem como prioridade discutir a revista *Raça Brasil*, utilizando exemplares que vão de 1996 a 1999. O motivo que me leva analisar a revista vem da militância dentro do movimento negro em que me senti inserido um pouco antes de conhecer a revista. Desenvolvo a análise não enquanto direção, mas sim como militante ativo da mudança percebida durante a juventude até o momento atual.

Ter uma revista exclusiva que discute a condição do negro em vários aspectos no país, no final do século XX, mostra o avanço do movimento e os desdobramentos de sua luta, capaz de reivindicar não só melhores condições de vida, saúde, trabalho e educação, mas nos colocar em ascensão em uma sociedade que nos vê somente como escravos ou trabalhadores domésticos. Comprar uma revista nos finais dos anos 1990 poderia ser visto como uma futilidade ou um privilégio de poucos. Por este motivo, é importante romper com ideia de que negros e negras brasileiros não podem consumir produtos como pessoas brancas e de classe média:

O conhecimento da história do movimento negro politicamente organizado no Brasil é fundamental para que se torne possível a compreensão dos meandros dos recentes debates sobre igualdade, democracia e justiça, que têm gerado tantas polêmicas e mobilizado tantas paixões no Brasil contemporâneo. Principalmente quando se trata das possibilidades de construção de políticas de ação afirmativa para negros. Políticas estas que ganharam ainda mais visibilidade a partir da implementação de cotas para negros em universidades públicas e que somente entraram nas pautas de discussão em nossa sociedade em função da atuação do movimento negro. (PEREIRA, 2010, p. 26).

O movimento negro tem sua referência nesta revista, é citado, mas não defendido como agente que promoveu o desenvolvimento e a possibilidade de a própria revista existir, como se a consciência negra viesse de algum lugar, do nada, para a mente das pessoas de cor.

Esse termo – “de cor” – foi criado pela União dos Homens de Cor (UHC), grupo fundado em Porto Alegre, em 1943. Assim, entendemos como, neste período da história do movimento negro, se dava a prática de se denominar negros e seu movimento como pessoa de cor para se diferenciarem de outras etnias.

A conquista dos direitos de negros e negras fica como uma coisa concedida por outra força ou outros motivos, como se fosse doada pelo governo ou entregue às pessoas, de coração. E, assim, o racismo aparece como uma ideia na cabeça das pessoas e não como uma coisa real.

Sem levantar bandeiras e sem palavras de ordem, mostrando a nova consciência Negra, expressa nas roupas, cabelos e, principalmente na música. E dizem com todas as letras: A onda é ser black. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, nov. 1996, p. 64).

Essa revista talvez seja um avanço em alguns aspectos na vida das pessoas negras, ela nos coloca questões pertinentes ao que viemos vivenciando e conquistando nestes trinta e três anos de redemocratização do país. A atual conjuntura política, dos anos 90 do século XX para cá, se prepara e funde com os desejos e as necessidades de uma sociedade inclusiva, com políticas públicas, e mesclada com o “Estado de bem-estar social”. O papel de negros e negras na construção de uma sociedade com mão de obra qualificada, com mínimo básico de saúde, educação, faz parte de um projeto de crescimento econômico e político.

No primeiro capítulo do trabalho, irei discutir, nossa geração dos anos 90 do século XX, erros, acertos e dúvidas dentro de um processo de redemocratização do Brasil, que dá continuidade a um projeto de extermínio da raça negra. A revista tem um cunho comercial, com intuito de transformar e moldar a juventude negra para a servidão silenciosa.

Há um artigo produzido a respeito de debate realizado com os produtores da revista *Raça Brasil*, em 1996, do qual participam: o editor chefe Aroldo Macedo, diretor editorial da Símbolo, editora que lança a revista e a mantém até o ano de 2006; Valter Silvério, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos; Mariza Corrêa e Octavio Ianni, professores da Universidade de Campinas. O conteúdo abordado no debate e no artigo mostra como a revista foi pensada e lançada para a comunidade negra.

Para verificar se o Brasil realmente era um país racista, a revista utilizou como base material publicado pelo jornal Folha de S. Paulo em 1995, a partir de pesquisa do Instituto Datafolha, intitulado “Racismo cordial”, um compilado de matérias, enquetes, situações, a Lei Antirracista (Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989) que reformulava a Constituição Federal de 1988 (TURRA; VENTURI, 1995). A pesquisa tomada por base para a publicação apontava os descendentes de africanos no Brasil, sendo eles negros e mulatos, como 59% da população brasileira; e que 10% dessa população receberia até 20 salários-mínimos por mês.

Ao utilizar o material, para os editores da revista o que importava era uma parte da pesquisa que identificava uma classe média negra no país. Partindo deste pressuposto, era identificada a existência de mais de 20 milhões de negros que faziam parte desta classe. Com isso, a revista teria um nicho de atuação perante essa classe identificada.

Em *A identidade cultural da pós-modernidade*, Stuart Hall afirma que as identidades sociais estão em xeque neste novo mundo pós-moderno, onde é criada uma nova identidade social, que fragmenta o indivíduo moderno e o coloca em uma crise identitária. Segundo a revista, esse negro, pós-moderno, se preocupa mais com seu “bem-estar social”, do que com as causas e armadilhas criadas pelo racismo da estrutura vigente.

Para complementar o meu conceito, neste capítulo primeiro, sobre a revista, utilizo o livro *Racismo Estrutural*, do professor Sílvio Almeida:

Trata-se, sobretudo, de um livro de teoria social. Neste sentido, há duas teses a destacar: uma é que a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e racismo. Procuo demonstrar como a filosofia, a ciência política, a teoria do direito e a teoria econômica mantêm, ainda que de modo velado, um diálogo com o conceito raça. A outra tese é a de que o significado de raça e de racismo, bem como suas terríveis consequências, exige dos pesquisadores e pesquisadoras um sólido conhecimento de teoria social. (ALMEIDA, 2019, p. 20).

Outro autor que foi necessário estudar para compreender o porquê de a revista *Raça Brasil* ter um papel social importantíssimo na assimilação de irmãos negros e irmãs negras na sua condição de inferioridade social, e ao mesmo tempo acreditar na teoria da democracia racial, foi o filósofo político e psiquiatra Frantz Fanon, com o livro *Pele negra, máscaras brancas*. O livro nos faz analisar como os negros no mundo moderno pós-Segunda Guerra Mundial continuam a travar uma luta incessante contra o racismo instituído em uma sociedade com todos os aparatos criados pela ideologia do nazifascismo, mostrando que a alienação dos negros não é somente individual, mas parte de um processo ou mecanismo de engrenagens, para controle social e político capitalista.

No livro de Miriam Nicolau Ferrara, vamos identificar como negros e negras, após três décadas de liberdade, irão se organizar em periódicos para enfatizar a necessidade de reivindicar direitos e ideias, de como deve ser tratado esse novo cidadão da República brasileira. É resultante do mestrado *A imprensa negra paulista (1915/1963)*, que aborda a maneira como a imprensa negra foi utilizada para levar reivindicações históricas aos cidadãos de cor brasileiros.

Não obstante, outro autor que irá contribuir para esta pesquisa elucidar o papel da revista na questão do consumo é Jean Baudrillard, com o livro *A sociedade de consumo*. Para o autor, o consumo está intrinsecamente ligado à felicidade, à forma como a sociedade capitalista nos

leva ao posicionamento “quanto mais você consome, melhor se torna a realidade ao seu redor”, ou “consuma e o seu futuro será garantido”.

Angela Davis, com seus livros sobre mulheres, raça, política, gênero e filosofias sociais foi referência para a compreensão de como se construiu a luta das mulheres negras, desde o fim da escravidão estadunidense até os dias atuais. A leitura desta autora nos dá um norte de como se desenvolve o processo de libertação negra, por uma ótica feminina; para perceber como nós, homens negros, mesmo fazendo parte deste processo de liberdade, precisamos compreender como é a vida de nossas irmãs de cor.

Outra irmã negra para a nossa compreensão é a socióloga Dra. Ana Cláudia L. Pacheco, em sua tese de doutorado *Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador*. Essa tese expõe a condição das mulheres negras, no campo afetivo-sexual e no contexto de como é a relação destas mulheres, sejam ativistas políticas, integrantes dos movimentos negros, sejam mulheres não envolvidas diretamente com esses movimentos.

No segundo capítulo, iremos discutir a construção da identidade cultural por parte da revista, identificando a questão da raça e da classe. Negras e negros realmente fazem parte da construção de classe social – burguesia e proletariado –, ou somos frutos de uma sociedade escravizada que, ao final do ciclo escravagista, fomos jogados à própria sorte para sobrevivermos, como manda a religião, ao Deus dará?

Utilizo a revista para responder este questionamento e autores como Marx e Engels, passando pelo conceito de classe em Edward P. Thompson, em seu livro *A formação da classe operária inglesa*, entendendo que a formação de classes se dá:

um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos dispares e aparentemente desconectados tanto na matéria-prima da experiência da consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (THOMPSON, 1987, p. 9).

Outra causa de integracionismo e miscigenação dos negros no Brasil se dá na apropriação cultural, brancos que se identificam com negros e se utilizam da cultura, de roupas, da religiosidade, da língua, do modo de sobrevivência das comunidades negras, para demonstrar como podem ser “negros”, em suas representações ou fantasias sociais no dia-a-dia. Em seu livro, Rodney William faz uma demonstração de como, a negros e negras, são perigosas essas

representações, pois causam o esvaziamento da luta empregada pelo povo negro desde seu sequestro das terras Africanas.

Utilizarei novamente o Dr. Silvio Almeida para compreender que o racismo pode se dividir em três categorias distintas, e assim visualizarmos suas ações na formação da sociedade brasileira. São estas: o racismo estrutural; o racismo institucional; e, o mais comum em nossas vidas, o racismo individual.

Não foi fácil colocar no papel todas as nossas expectativas sobre a sociedade brasileira e sua formação nestes quinhentos anos de preconceito, criminalização, estupro, destruição, miscigenação, exclusão social, entre outras misérias relegadas aos indivíduos negros, que compõem a formação desta sociedade excludente. Podemos escrever linhas e mais linhas sobre nossa condição de “brasileiros”, e, mesmo assim, não responderemos a uma pergunta que sempre irá nos acompanhar: de onde vem todo o nosso ódio contra esse povo negro?

Capítulo 1

Uma geração de dúvidas, acertos e erros no processo de redemocratização do Brasil, no final do século XX

No ano de 1989, o Brasil pôde finalmente escolher seu presidente pelo voto democrático. A eleição direta foi um marco na transformação política no país. Desde 1964, nossos representantes políticos eram indicados por militares à Presidência da República, havia uma ditadura militar aqui instalada. A maioria da população escolheu o representante do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), apresentado como uma nova esperança a todos os brasileiros. Em 1992, este mesmo representante foi deposto por uma votação do Congresso Nacional, em razão de várias denúncias de corrupção. O país passou a ser governado, em 1993, pelo então vice-presidente.

Após várias medidas para salvar a economia brasileira, em crise no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, foi apontada uma direção diferente pelo então ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. Por ter instaurado um novo plano econômico, Fernando Henrique Cardoso foi candidato e venceu as eleições presidenciais de 1994.

Durante a transição de governo, o discurso social democrático no ano de 1995 trazia à tona uma discussão havia muitos anos travada pelo movimento negro, e que, por mais evidente que fosse, continuava a ter grande importância dentro da comunidade negra: a luta contra o racismo. Naquele momento, o governo colocava em evidência a possibilidade de medidas sociais que, mesmo não melhorando a condição das comunidades negras, preparava o campo para destaque de grupos organizados nesta luta. Uma das vertentes dessa luta aparecia como a criação da revista *Raça Brasil – A revista dos negros brasileiros*.

A revista foi de grande importância para meu desenvolvimento e minha proximidade com a questão de ser negro no Brasil, em um momento de várias transformações. Uma delas com a campanha “o negro é lindo”, encampada pelo governo do PSDB neste período:

Que mudança é essa? Sem alarde, sem avisos, os negros trataram de ocupar seu espaço e conquistar na prática, o que o movimento negro sempre almejou... RAÇA BRASIL que ser mais um símbolo dessa consciência. Que estar ao seu lado para abrimos juntos as comportas dessa enorme represa formada pelo nosso povo. Quer ajudá-lo a enfrentar o futuro, a navegar nesses

novos mares. Os ventos estão a favor. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, nov. 1996, p. 4).

Com *A marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e pela vida*, o governo formalizou com as lideranças dos movimentos negros o “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial”, publicado em decreto presidencial no dia 20 de novembro de 1995.

Não que precisei da revista para me sentir bonito ou gostar de mim; a revista foi necessária para identificar que havia outros negros que pensavam como eu, que desejavam a liberdade, a representatividade e ter sua identidade declarada nesta sociedade racista.

A construção ideológica de que podíamos mais, naquele período da história do Brasil, carregava em si uma mudança social esperada pela revista, voltada para o mercado consumidor, e pelo Estado, que utilizava campanhas de ações específicas para camuflar a desigualdade social no país. Uma dessas medidas estava no carnaval de 1997, como é citado no artigo “Linha de Frente no número de fevereiro daquele ano:

O mundo criado pelas escolas de samba é curioso. A começar pela sua definição, pois nessa “escola” quem ensina é o povo e quem aprende são as classes privilegiadas... O que se leciona é a vida, além do ritmo, melodia e harmonia. Junto com tudo isso, todo o universo da malandragem no que ela tem de mais criativo. Mas essa malandragem acabou revelando um inegável poder de organização. São milhares de pessoas percorrendo, cantando e dançando, por toda a extensão dos sambódromos do Brasil – e tudo tem de dar certo. É o povo em seu momento mágico. (RAÇA BRASIL, fev. 1997, Seção Linha de Frente, p. 3).

E o que podemos compreender é o avanço de negros e negras envolvidos em seus vários movimentos. Pensar, como historiador, no processo construído nesse momento da história do Brasil, que é o final dos anos 90 do século XX: onde as leis são desrespeitadas ou esquecidas, salvo momentos de casos raciais e racistas apresentados nas edições lidas e analisadas; como os próprios negros e negras se veem excluídos da construção identitária ou não se veem como cidadãos na construção histórica deste país que em sua maioria é negra, e, como formação social, para destruir nossa identidade, é apresentada como “parda”, para aqueles que não desejam ser identificados como negros e não podem ser declarados como de etnia branca.

A identidade pensada nesta revista é colocada como um segundo plano, onde negros e negras devemos escolher ser felizes no cotidiano do racista e assim superar, de forma romantizada, e acreditar que algo fora de nosso poder irá acontecer para transformar a nossa

realidade. Ou, de forma bem sutil, em lutar por nossos direitos e acreditar que o trabalho nos dignificará e será em algum momento reconhecido pelo sistema opressor, como o nosso, que esmaga e dificulta nosso acesso à informação, a formação intelectual:

definitivamente, o país está mais negro. E o negro cada vez mais orgulhoso da sua raça. Centenas de negros que se destacam nas mais variadas atividades saíram na seção Nossa Gente... Seus exemplos contribuíram para que pudéssemos vencer inúmeras barreiras e dificuldades. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, set. 1998, p. 3).

A mensagem acima foi publicada na Seção Linha de Frente, edição comemorativa de dois anos da revista. Mostra que a revista tem formado opinião diferente sobre a condição dos negros brasileiros, incentivando-os na sua luta diária contra o racismo?

A editora responsável pela revista é a Editora Símbolo, criada em 1987 pela empresária Joana Woo, que também criou várias outras revistas, tais como a *Corpo a Corpo*, *Atrevida*, *Tititi*. Esta editora teve seus trabalhos encerrados em 2009, após declarar falência e fazer acordos trabalhistas para pagar jornalistas. Todavia, já em 2007, a revista vinha sendo publicada pela Editora Escala, e, nos tempos atuais, pertence à Editora Pestana Artes & Publicações. Nossa análise será somente até 1999. O que me conduz a escrever este trabalho é a perspectiva de como a revista foi produzida e criada nos moldes do mercado de editoras no final dos anos 90 do século XX.

Essa perspectiva de criar uma revista para negros no Brasil é uma visão empreendedora e mercadológica. Há matérias e fotografias com negros que, mesmo trabalhando nas mídias de comunicação, como jornais, novelas, programas de entretenimento, ou no esporte, na música, na política, em vários setores, passam despercebidos pelos olhos das pessoas brancas; aqui, aparecem em destaque. Dessa maneira, a revista constrói a mentalidade de que pessoas negras podem consumir revistas direcionadas ao seu grupo social e étnico. Nos sumários da revista são criados temas que vemos em outras revistas de grande circulação, como: beleza e moda, comportamento, turismo, culinária, cultura e lazer, nossa gente. A comunidade começa a se ver nas bancas de revistas. Por este motivo, sua tiragem chega a mais de 270 mil exemplares vendidos em todo o país.

No Brasil, a imprensa negra vive dois momentos. O primeiro é o início do século XX até o processo de ditadura militar, de 1964 a mais ou menos 1985, que oprime a questão da raça e movimentos sociais, com a orientação de que somos um só país, sem desigualdades entre seus

pares. No segundo momento, a imprensa negra, que, a partir do ano de 1980, toma novamente a rédeas das questões, leva os negros a discutirem sua participação na cidadania e sua representação na conquista de liberdade, ascensão social, educação e conscientização na luta contra o preconceito.

Para fortalecer o processo de avanço das comunidades negras, a revista sempre traz uma mensagem positiva por parte do editor chefe Aroldo Macedo:

Em 1996, em outro lançamento totalmente ousado e inovador, chega ao mercado a Revista Raça Brasil, que veio com a missão de afirmar o orgulho de milhões de negros brasileiros. E seu resultado foi de abrangência ainda maior, esta foi uma daquelas raras vezes em que uma revista influenciou a opinião pública a ponto de mudar a maneira como a mídia retrata seu público. Depois de Raça Brasil não há, em nosso País, uma única menção da mídia que não leve em consideração a verdadeira cor e alma do povo brasileiro. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, set. 1998, p. 3).

Mesmo não sendo associada a nenhum movimento negro, a revista *Raça Brasil* tem uma enorme repercussão dentro do movimento, com circulação em todos os estados brasileiros. Por essa razão, apontamos vários questionamentos: qual é o público que a procura atingir? Como a revista luta contra o preconceito e o racismo? Qual é a relação que estabelece com os meios de comunicação?

Existe uma correlação de forças na perspectiva de mudança no pensamento do Brasil neste período. A revista trabalha de forma a fazer prevalecer um contato entre a comunidade negra e o mito da democracia racial, e tenta estabelecer ou deseja criar com seus artigos uma forma de acesso a esta democracia:

O Brasil nunca mais será o mesmo! (...). Há alguns metros da avenida mais famosa do país, a redação da RAÇA BRASIL estava apreensiva, aguardando os primeiros resultados da venda da nº1. Nunca tive dúvidas sobre o sucesso da revista, desde que começamos a criá-la, há quase um ano. Sempre soube que somos a grande maioria deste país. Que somos bonitos, inteligentes, consumidores exigentes. Mas a opinião dominante no mundo da comunicação era a oposta: negro não tem orgulho; negro na capa não vende revista; negro não tem poder aquisitivo. (...). A primeira notícia chega como uma explosão: A RAÇA esgotou em quase todas as bancas. Vamos ter que imprimir mais! Perante toda esta alegria, só nos resta fazer a RAÇA cada vez melhor. Com cada vez mais qualidade, de ponta a ponta, do início ao fim. Porque RAÇA BRASIL não foi criada para negros que lamentam sua condição. Foi concebida, isso sim, para os negros que têm orgulho e consciência de saber que pertencemos a uma raça que nunca perdeu sua dignidade. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, out.1996, p. 3.).

O convencimento parte de como são tratadas as pessoas negras e como elas se veem nesse momento na sociedade. A maneira de se construir um racismo velado é identificado na entrevista do ator negro, Norton Nascimento, onde a chamada é: “Ser negro é ser alegre por natureza” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, abr. 1997, p. 58). A entrevista narra a vida do ator e modelo, nos anos em que iniciou o trabalho na TV brasileira, e como anda sua carreira, mostra que sua persistência e caráter o levaram a ter uma vida de luta e conquista no meio artístico de predominância branca. Essa luta pode ser entendida enquanto processo que é explicado por Silvio de Almeida no livro *Racismo estrutural*:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p. 32).

A ideia de que persistência e caráter levaram o ator a ter uma vida de luta e conquista no meio artístico de predominância branca, quando posta frente à perspectiva do racismo estrutural, pode nos remeter ao mito da democracia racial. Democracia racial é um termo criado por Gilberto Freyre em seu livro *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. Segundo seu autor e criador, o conceito se baseia nas relações entre senhores e escravos, constituídas de forma cordial: não havia discriminação racial e a miscigenação era uma característica natural entre os povos aqui existentes.

Amilcar Pereira (2010) apresenta a teoria de Gilberto Freyre da seguinte forma:

Em 1930 opera-se no Brasil um movimento que buscava novos caminhos na orientação política do país, tendo como preocupação principal o desenvolvimento social. Tal orientação não podia mais se adequar às teorias raciais do fim do século XIX, tornadas obsoletas. Nesse momento Gilberto Freyre surge com instrumentos teóricos para atender esta nova demanda. Segundo Antônio Sergio Guimaraes, “[na sociologia moderna Gilberto Freyre foi o primeiro a retomar a velha utopia do paraíso racial, cara ao senso comum dos abolicionistas, dando-lhe uma roupagem científica”. Ele retoma a temática racial, até então considerada não apenas como chave para a compreensão do Brasil, mas também para toda a discussão em torno da identidade nacional. Porém muito influenciado por Franz Boas – com quem conviveu pessoalmente durante seus estudos na Universidade de Columbia –, Gilberto Freyre teria deslocado o eixo da discussão, operando do conceito de “raça” ao conceito de cultura, que marcaria o distanciamento entre o biológico e o cultural, como afirma em sua obra. (PEREIRA, 2010, p. 57).

Ao mesmo tempo, também entendemos que, com o decorrer dos tempos, a causa da discriminação tornou-se uma questão de classe, relacionada à explicação criada para o fato de os negros viverem, em grande maioria, na mais extrema miséria: esse fato estaria ligado à falta de oportunidade financeira e não ao fato de que, após a abolição da escravatura no Brasil, os negros não tiveram uma reparação histórica, como direito à moradia, ressarcimento pelos anos de trabalho compulsório, entre outras coisas.

Na matéria de janeiro de 1998, a revista traz a seguinte afirmação:

“Democracia racial”. O mundo globalizado de hoje busca o fim do racismo e da discriminação em todos os níveis. Países como África do Sul, Canadá, Estados Unidos e Brasil avançam cada vez mais nessa direção. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jan. 1998, p. 66).

No combate ao racismo, para a revista, estamos no caminho certo: “o Brasil é um dos países que tem avançado no combate ao racismo, caminhando na direção oposta à percorrida por várias nações da Europa, onde a xenofobia e o racismo estão ressurgindo” (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jan. 1998, p. 66).

Entretanto, a realidade faz com que a revista, na verdade, crie dúvidas sobre qual situação vivemos no país. A questão é: o racismo deve ser vencido pela luta dentro dos moldes do sistema vigente e racista ou pela luta dentro dos movimentos sociais? E que nós negros conseguimos, pelo esforço próprio, não entrar em conflito tanto direto como indireto com esse sistema já definido pelo mercado financeiro e capital?

Na entrevista sobre “a onda é ser Black”, na edição de novembro de 1996, uma das entrevistadas, Gabriela, que viveu dois anos na Inglaterra, afirma: “talvez a geração do meu pai, que foi militante negro e fazia questão que a gente sentisse orgulho de nossas raízes, tenha sido mais infeliz.” Continua: “estamos aí sem querer afrontar ninguém, mas também sem medo de mostrar quem somos” (RAÇA BRASIL, matéria da capa, nov. 1996, p. 66).

A partir de entrevistas como essa e com outros jovens, a revista empenha-se em mostrar que o que transforma a nossa realidade cruel e racista é o bom humor e a aceitação de que devemos sempre ser melhores do que aquilo que está ao nosso redor. E, desta maneira, a revista reforça o que podemos chamar de mito da democracia racial.

O processo de redemocratização no Brasil ao final dos anos 80 do século XX traz o movimento negro ativo, ligado ao pensamento marxista e que problematiza a divisão da sociedade em classes. Para Marx e Engels, existem duas classes distintas. Um classe é a dos

burgueses, que são os capitalistas modernos, sendo eles proprietários dos meios de produção, que contratam a mão de obra assalariada (*Manifesto do Partido Comunista*). A outra classe é o proletariado, que não tendo controle dos meios de produção, vende sua força de trabalho para sobreviver. Neste viés, temos a luta contra as opressões do sistema capitalista, principal responsável pela miséria do povo negro. Os pobres, em sua maioria negros e negras, são forçados a ocupar os piores postos de trabalhos, em condições insalubres. O mito da democracia racial é o método que os burgueses utilizam para normatizar as relações sociais com os proletários negros desde a década de 30 do século XX. O mito e a opressão inserida no nosso sistema são combatidos por este movimento negro.

Na revista, este mito democrático é legitimado em matérias como a de 1996: “Talento negro nas empresas”. Na chamada dessa matéria, temos a seguinte frase: “Eles sofreram para chegar lá. Mas com capacidade e muito empenho [grifado em vermelho] diversos profissionais estão se destacando nos mais variados setores”. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, nov. 1996, p. 70).

Frases como “o negro batalhador irá perseverar no trabalho”, “o preconceito não é tão opressor quanto aquele praticado contra os negros das camadas mais pobres”, quando colocam que negros, mesmo com todas as dificuldades do racismo, foram “beneficiados” em cargos de empresas multinacionais pelo seu esforço, e provaram ser bons ou melhores que candidatos brancos, nos provocam a seguinte questão: como os meios de comunicação, principalmente uma revista de grande circulação nacional dentro das comunidades de pessoas de cor preta e parda, direcionam a meta e a conquista dos espaços pelos agentes aqui citados?

Se nós entendemos democracia com a base do conceito grego, que é governo do povo, perguntamos: quem é esse povo? Os negros, no Brasil, se sentem defendidos ou têm seus direitos garantidos nesta democracia burguesa e branca, que exclui e criminaliza essa comunidade de forma cruel? O mito da “democracia racial” no Brasil pretende fazer constar que nós, enquanto nação, superamos as diferenças sociais, econômicas e políticas existentes entre negros e brancos. Essa democracia é mantida como a salvação do povo, é sua esperança, porque as medidas de leis e melhorias sociais advindas desta falácia, apresentada como uma saída viável, ou única alternativa contra o racismo, perpassa a discussão de cor e entra na discussão de classe.

Para compreendermos como a revista se utiliza de discussões pautadas em agradar diferentes nichos de negros, precisamos identificar que, para os editores, o Brasil possui uma

classe média negra, negros pobres trabalhadores, artistas de todos os seguimentos, mulheres negras em crescimento econômico, e, na educação superior, em algum lugar do país, há uma comunidade negra que irá se identificar com o seu discurso de igualdade social. Por essa razão, a revista produz matérias com negros que vieram da mais extrema pobreza e tornaram-se celebridades. Em maio de 1997, realiza uma entrevista com Pelé, que, neste período, é o Ministro Extraordinário dos Esportes:

Ele é um homem simples, mas tem consciência de sua realeza: acredita que Deus lhe deu algo diferente dos demais... Em sua opinião, vêm daí muitas das incompreensões das quais se julga vítima. Seus críticos só enxergam o mito Pelé e não conhecem o cidadão Edson. (RAÇA BRASIL, Seção Gente, maio 1997, p. 12).

Para o editor chefe Aroldo Macedo, a revista tem outro papel na construção de democracia, o movimento negro não é somente o que impulsiona a luta do povo negro. Há negros que se movimentam independentemente de estarem ligados a partidos, organizações ou coletivos, são pessoas negras que movimentam suas vidas sem precisarem das conquistas efetuadas pelo movimento organizado. No debate organizado, coordenado e apresentado pela professora Suely Kofes sobre a revista, em 1996, o editor chefe justifica seu posicionamento:

Durante a execução da revista eu detectei que, além do movimento negro, existem negros em movimento... Que estão ocupando silenciosamente os espaços. A revista teria que ter um tom sem lamentos. Acredito que a gente já ultrapassou esta fase e a gente agora tem que executar, tem que fazer. O que, basicamente, é preciso para o negro no Brasil, seria a autoestima ser levada ao ponto em que ele tivesse o entendimento. (KOFES, 2010, p. 251).

Nos anos 90 do século XX, as comunidades buscam novas oportunidades para os indivíduos e coletivos de identificação negra, lutam para serem vistos e se esforçam para poderem ter uma vida econômica digna sem precisar se preocupar muito com o racismo estrutural. Esse pensamento é transmitido pela revista, como se vê na edição de setembro de 1998, com a matéria “Bom humor, arma contra o preconceito”. A matéria mostra a história cotidiana de quatro homens negros em situações de preconceito, analisa que o racismo pode ser combatido de uma forma menos militante e respondido de forma mais irreverente: “presença de espírito, calma e segurança podem transformar situações constrangedoras em hilariantes. Devolva o preconceito com bom humor e, no final das contas escancare um lindo sorriso.” (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, set.1998, p. 49).

Como ser feliz ou estar satisfeito sendo não o único, mas um dos poucos a fazer parte de um quadro seletivo de boas oportunidades dentro do sistema capitalista que se baseia na meritocracia? Não há como ignorar a falta de oportunidade de trabalho, educação e até mesmo lazer para as pessoas de bairros ou espaços pobres, principalmente se elas forem de pele escura ou preta.

O bom humor. Pessoas bem-humoradas trazem sempre um sorriso em seu rosto para assim poder enfrentar adversidades cotidianas. Desta maneira, pessoas podem ter uma vida até saudável, de acordo com a medicina moderna. Uma questão que me deixa a pensar nessa matéria acima apresentada é o confronto com a declaração do Ministro dos Transportes, no ano de 1997, que compara o rei Pelé a outro grande rei, o “asfalto”. No “Olho Vivo” coluna da revista dedicada a situações de racismo explícito no país, a filósofa brasileira Sueli Carneiro, coordenadora executiva do Geledés Instituto da Mulher Negra e do Programa de Direitos Humanos/SOS Racismo, escreve um artigo mostrando como o racismo está declarado ou velado, e que podemos entender, como, ao final do século XX, um ministro faça tal declaração em nossa sociedade, pela comparação feita entre a cor de Pelé e a sua assimilação à cor do piche, matéria bruta que faz o asfalto das ruas:

pela primeira vez um ministro de Estado se sentiu obrigado a se retratar diante da comunidade negra... Reuniu-se com 14 organizações do movimento negro e se comprometeu a encaminhar uma agenda de três prioridades por ela reivindicadas. (RAÇA BRASIL, Seção Olho Vivo, ago. 1997, p. 66).

Deveríamos, então, encarar com bom humor a declaração feita pelo ministro e nos conformar com a condição do negro submisso ao capitalismo industrial, que nos relega ao emprego de baixa remuneração e também à grande ausência de prestígio, para que todos nos vejam ou nos imaginem como um cidadão esforçado e dedicado à melhoria econômica de uma forma geral da nação, sem reclamar, e, sim, produzir um lugar melhor para todos nós?

Com o mito da democracia racial, essa teoria baseia-se na dupla mestiçagem, biológica e cultural, para unir as três etnias aqui existentes. A revista faz matérias de integração, tem seções de moda, com roupas de grifes que estão longe do poder de consumo da grande maioria dos negros no Brasil. Quando for discorrer sobre classe e raça, entrarei com melhor definição sobre estas matérias no próximo capítulo.

Em 1995, o Datafolha efetuou uma pesquisa sobre a questão do racismo, utilizando os padrões do IBGE. Esta pesquisa acabou se tornando um livro com o título de *O racismo cordial*.

Foram feitos estudos em diversas cidades do Brasil para analisar a desigualdade e a mentalidade do brasileiro sobre a condição das pessoas negras (TURRA; VENTURI, 1995). O Datafolha demonstrou, com bases em análise científica e pela primeira vez na história do Brasil, quem são os intolerantes raciais. Mas os dados levantados não desvendavam, especificamente, quantos são os brasileiros que nutrem secretamente – por “cordialidade” ou vergonha – preconceito em relação a negros.

Podemos analisar que o racismo no Brasil é algo que as pessoas alegam existir em uma média de 89%, mas poucos se assumem racistas, com uma margem de 12% (TURRA; VENTURI, 1995) ou com algum preconceito contra pessoas negras ou de cor. A pesquisa nos mostra que 70% dos negros estão empregados com até dois salários mínimos mensais, e que apenas 7% deste grupo ganha até vinte salários mínimos mensais. Mostra também que 20% das pessoas declaradas brancas ganham, em média, vinte salários mínimos mensais.

A desigualdade de salário nos coloca em posição de atraso e com necessidades do básico: a alimentação é precária; a moradia é insalubre; não temos meio de transporte próprio, é necessário utilizar o transporte público de baixa qualidade. As escolas públicas, quando não há professor, são precárias: não possuem material de didático sobre a cultura negra; não há material para trabalho dos alunos; as bibliotecas são desatualizadas para pesquisa e formação dos estudantes; os livros didáticos não são suficientes para todos os alunos; não há, em algumas delas, conselhos de classe; além de não nos incentivarem a aprendermos a origem de nossa civilização ou cultura. Ser negro no país do futebol nos dá pouca escolha de uma profissão de destaque ou bem remunerada: somos pedreiros, empregadas domésticas, vigilantes patrimoniais, garçons, entre outras profissões que não nos dão visibilidade ou um futuro promissor. A pesquisa pode ser tendenciosa ou não ter uma credibilidade acadêmica, imparcial ou científica. Mas nos impõe uma pergunta: por que o país onde a população negra é a segunda maior no mundo fora da África precisa provar que não há racismo em suas esferas sociais, políticas ou públicas?

Outras revistas já haviam retratado essa segmentação, como a *Ebano*, de 1983; a *Pode Crê*, lançada em fevereiro de 1993, que fala sobre *rap*, e, em sua primeira edição, entrevista Mano Brown, vocalista do grupo de Racionais MC's; e a *Agito Geral*, lançada em 1996, sendo assim precursora da revista *Raça*. Contudo, vemos que a revista *Raça* veio com outra linha, mais voltada para uma comunidade maior, os “negros brasileiros”.

Aroldo Macedo, o editor chefe e criador da revista, é formado em engenharia civil e morou muitos anos nos Estados Unidos da América, trabalhando como videomaker. Em uma visita ao Brasil para produzir um vídeo sobre capoeira, solicitou um patrocínio à diretora e dona da editora Símbolo, Joana Woo, e, depois de muitas conversas, recebeu a proposta da diretora para produzir uma revista para negros, a que ele deu o nome de *Raça*.

O que determina a diferença da revista é o papel utilizado, o padrão é semelhante ao das revistas de grande circulação, como a revista *Veja*, e a revista *Isto É*. Outra diferença é como a revista é editada e suas seções, que contemplam uma gama diversificada de temas, desde beleza, consumo e à ancestralidade negra. As cores que a revista utiliza em suas capas também fazem um diferencial, como vermelho, azul, amarelo, branco e preto, como as cores padrões e de forma bem viva, com combinações que fazem que a *Raça Brasil* se destaque. E principalmente a primeira seção das edições. Ao abri-la, temos a seção “Linha de Frente”, como esta da edição de novembro de 1996:

Pela primeira vez na História temos razão para nos orgulharmos de nossa raça – é esta revista tem muito a ver com isso. Cada leitor que escreve dizendo “tenho orgulho de ser negro” (e são milhares!) comprova que vivemos novos tempos. Tempos de mudança com novas posturas – mas os mesmos anseios. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, nov. 1996, p. 4).

O editor da editora Símbolo, Roberto de Melo, faz uma pesquisa utilizando o material *O racismo cordial*, do jornal Folha de S. Paulo, de 1995, a partir dos dados que colocam os descendentes de africanos no Brasil, sendo eles negros e mulatos, como 59% da população brasileira; e que 10% dessa população receberia até 20 salários-mínimos por mês.

Utilizando as estatísticas apresentadas, Aroldo Macedo, editor chefe, irá produzir a revista. Em debate realizado em 1996 na Unicamp, Roberto Melo, então diretor editorial da editora Símbolo, afirma que fez uma pesquisa de mercado para o lançamento da revista:

Resolveram fazer a revista e me acionaram imediatamente com a seguinte questão: avalie este mercado e veja se existe espaço, se tem público suficiente para comprar uma revista de serviços e comportamento, uma revista como as outras, só que segmentada para o público negro assim como tem segmentada para mulheres, segmentada para jovens. Como um tipo de trabalhador que precisa de números para poder lançar revistas, esta é minha função na editora: criar projetos de revistas e colocar no mercado. Bom, eu tive a sorte de investir em pesquisa de campo para saber quantos negros teriam poder aquisitivo para comprar revista. Eu investi a verba gigantesca de vinte dólares! Foi o preço de um livro chamado *Racismo Cordial*. (KOFES, 2010, p. 242-243).

Essa concepção de uma revista para os negros brasileiros tomou proporções maiores, de acordo com as homenagens ao Dia da Consciência Negra. Nas edições desses períodos, Aroldo Macedo traz sempre uma palavra de força, a exemplo de novembro de 1998, na Seção “Linha de Frente”:

a forma mais fácil de nos acomodarmos é colocar a culpa nos outros e não enxergamos como parte todo de um processo... Deveríamos exercitar o nosso lado mais forte, que é o do otimismo e da esperança... É por isso que, todo mês, RAÇA BRASIL leva uma mensagem de esperança e otimismo – e não de lamuria – Este é país que vivemos e ele é lindo! Nós somos lindos! Nossa cor é linda! (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, nov. 1996, p. 4).

A revista *Raça* surgiu em setembro de 1996, lançada pela editora Símbolo, que havia sido criada em 1987 com a edição do guia *Corpo a Corpo* e tinha como base a qualidade de vida. Tornou-se lançadora de vários títulos de revistas, como: *Só Receitas*, *Dieta Já*, *Bárbara*, *Glorinha*, *Corpo*, *Atrevida*, *Atrevidinha*, *Bananas de Pijama*, *Meu Nenê*, *Walter Mercado*, *Tititi*, entre tantas outras. Baseada na segmentação, que é a especialização da mídia nos anos de 1990, por rádio, televisão, jornais e revistas com temas direcionados para cada grupo específico, a revista *Raça* é um exemplo de ousadia em buscar o negro como forma específica de público.

É necessário discutir como uma revista pode dar identidade ou confirmar a autoestima das pessoas negras em uma sociedade onde os negros são excluídos das decisões políticas e sociais. Como pensar essa ideia de repressão quando se trata do movimento negro? Até o início do século XX, muitos países aceitavam teorias raciais que afirmavam que a raça era determinada biologicamente e desta forma também sua cultura, dando assim a entender que havia uma diferença de entendimento racial entre uma cultura superior e outra inferior, advinda do negro.

A revista nos coloca dúvidas quanto à sua responsabilidade na transformação social pela qual o país passa. Suas matérias, principalmente voltadas para a beleza e estética negra, nos colocam a questionar ou repensar a negritude e como somos identificados ou tratados nas ruas, escolas, *shopping centers* e mesmo em supermercados, pois não deixamos de ser perseguidos dentro destes estabelecimentos ou espaços sociais, ao contrário é evidenciado a qual condição estamos postos por nosso poder aquisitivo, que dispomos por sermos excluídos ou marginalizados.

O público da revista pode ser considerado de classe média negra? A revista tenta manter a qualidade para poder atingir uma grande parte da população negra e gerar uma ligação entre os demais pares de cor. Desta forma, ela sai a um preço popular, na época, que é de R\$3,50, onde o salário mínimo no ano de 1996 é de R\$112,00. Mesmo tendo edições voltadas para moda, beleza, comportamento, consumo, cultura, lazer e esporte, a revista pode ser considerada de imprensa negra, pelo fator de que seus conteúdos e matérias, por mais que pareça uma revista de brancos, têm um público específico, que são os “negros brasileiros”. A diferença para com outras revistas do século XX é a variedade de assuntos abordados.

Nos Estados Unidos, durante o século XX, há uma imprensa negra que lutava na divisão de espaços e constituía uma escrita direcionada para o público negro que, excluído das decisões políticas e sociais, resistiu; pois passava por uma questão de nacionalismo cívico em que os negros não se encaixavam ou passava pelo fato de que havia um não pertencimento a esse desejo que tentava ser hegemônico.

A discussão é que a imprensa negra do Brasil, no início do século XX, lutou por reconhecimento à cidadania, pois os negros não usufruíam do mesmo direito social e civil que o grupo étnico branco. Ser reconhecido é tornar-se cidadão que tem seus direitos garantidos e reconhecidos, principalmente pelos brancos. Fanon nos fortalece:

um branco, dirigindo-se a um negro, comporta-se exatamente como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas. Não observamos este comportamento em apenas um branco, mas em centenas; nossas observações não se concentraram em apenas uma categoria, mas, valendo-nos de uma atitude essencialmente objetiva. (FANON, 2008, p. 44).

Podemos perceber, por esta análise de Franz Fanon, um dos “modus operandi” do que podemos chamar de racismo estrutural.

Vamos analisar, então, como se dá essa imprensa negra no Brasil. A primeira fase se dá com jornais, nos anos de 1915 a mais ou mesmo 1923:

estes jornais possuem uma característica comum: publicam versos, notas de aniversários, casamentos, falecimentos, festas religiosas [...]. As matérias de conteúdo reivindicatório são em número reduzido; contudo, neste período começa a formação de uma consciência de grupo que mais tarde irá ganhar força. (FERRARA, 1985, p. 200).

O segundo período vai de 1924 a mais ou menos 1937: “o problema do negro é abordado de modo direto e objetivo. Revela-se o sentimento maior de união para com mais força, o negro reivindicar seus direitos e reclamar sua participação na sociedade”. (FERRARA, 1985, p. 200).

De 1937 a 1945, nos arquivos ou informações de jornais ou periódicos da imprensa negra, vê-se que a ditadura varguista, com seu controle de informações, desarticula todas as organizações de movimento popular.

O terceiro período irá de 1945 a mais ou menos 1963. A Associação Negra Brasileira (A.N.B), através de seu órgão, o jornal *Alvorada*, apresenta um programa que é resultado de uma revisão das propostas elaboradas por movimentos e jornais anteriores, encarando o problema simultaneamente do ponto de vista econômico, social, cultural e racial. (FERRARA, 1985, p. 204).

Outros jornais seguem a mesma linha até o ano de 1963. Com o golpe militar de 1964, esta imprensa será silenciada e reprimida, mas não desaparecerá. E retornará no final dos anos 1970, com a abertura política e o processo de redemocratização do Brasil.

Ao vir para o ano de 1996, como esta revista pode contribuir para construção da identidade negra? A quem essa revista serve enquanto meio de comunicação de massa? Que tipo de consciência quer formar na comunidade negra?

A questão da identidade cultural toma forma no discurso do movimento negro nos anos de 1980, com a redemocratização do país, e, assim, quando se cria uma revista para dar autoestima a uma classe que está relegada à margem, se faz uma nova representação do indivíduo. Stuart Hall (1980) ajuda a compreender esse processo:

uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança política de identidade (de classe) para a política de diferença. (HALL, 2001, p. 21).

Partindo deste pressuposto de autoestima, a revista nos coloca a analisar suas matérias que abordam negros de destaque na vida política brasileira, como quando, durante a eleição municipal paulistana de 1996, aborda a vitória de Celso Pitta, o primeiro prefeito negro da cidade São Paulo, “eleito com 60% dos votos válidos, avisa: todos os negros poderão se sentir orgulhosos de ter um irmão fazendo um bom trabalho” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, mar. 1997, p. 9). O primeiro prefeito negro de São Paulo, que veio dar continuidade à administração

de Paulo Maluf, mencionado na matéria como uma “velha raposa na política brasileira”. Pitta é a versão do negro que o Brasil, com seu processo de miscigenação, espera dos negros de destaque. Afirmou Duda Mendonça – publicitário brasileiro que se tornou conhecido no cenário nacional por comandar campanhas políticas vitoriosas em diversas eleições –, que o caracterizou também como “pau mandado”.

A entrevista realizada com Celso Pitta mostra o enfrentamento do racismo por um viés que muitos de nossos irmãos e irmãs de cor trilharam. Se todos chegaram ao sucesso, não sei. O que entendemos como militantes ativos dentro do universo de movimentos negros é a dificuldade de dialogarmos com esse tipo de perspectiva. Para termos uma noção, a revista o interroga sobre suas origens e sua vida. Ao falar sobre o Colégio Santo Antônio Maria Zacarias, tradicional instituição de origem católica, particular, relata: “[discriminação], por parte dos professores, dos padres, não, em absoluto. Pelos colegas, houve algumas manifestações de racismo, mais no sentido jocoso do que de inimizade...”. (RAÇA BRASIL, Seção Gente, mar. 1997, p. 10), Para finalizar sobre o prefeito negro de São Paulo, devemos refletir sobre o jargão racista dito pelo mesmo: “O cidadão de raça negra tem de se esforçar bastante – tanto ou mais que um cidadão da raça branca, para ter sua condição de sucesso profissional garantida. Foi isso que eu fiz.” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, mar. 1997, p. 11).

Quando falamos dessa política brasileira e da luta de negros e negras, vamos visualizar a carreira de Benedita da Silva como Senadora do Rio de Janeiro, que assume o mandato em 1995 e tem uma vida política ativa dentro do Partido dos Trabalhadores: “ajudou a criar a Associação de Mulheres da Favela, participou das discussões para a fundação do Partido dos Trabalhadores. Conquistou palmo a palmo seu espaço na política...” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, abr.1997, p. 10). É uma das mais importantes figuras no cenário político. Mulher, negra, favelada e um termo que, neste contexto, tem outro viés na política, evangélica. É um símbolo de luta para as mulheres negras e homens negros desde a ditadura militar.

Outro militante negro que tem uma matéria exclusiva em agosto de 1997 é Luiz Alberto Silva: “primeiro deputado federal representante do Movimento Negro Unificado, ele leva para a Câmara Federal, este mês, três projetos de lei que visam garantir maiores oportunidades de ensino e emprego para os afrodescendentes...” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, ago. 1997, p. 22). Sociólogo, baiano, concursado pela Petrobrás, este militante tem uma história de lutas e processos de derrotas e vitórias, é um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU) no final dos anos 1970 e criador do Dia Nacional da Consciência Negra.

As matérias da revista trazem um pouco da nossa realidade política. Um negro de classe média, estudado e formado em uma das melhores universidades do mundo, pós-graduado em Harvard, que se torna prefeito da maior cidade do país. Uma mulher negra favelada, líder de um grupo organizado na sua comunidade e uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores no Brasil, que se torna senadora pelo estado do Rio de Janeiro. Outro não menos importante, que é fundador do Movimento Negro Unificado na Bahia, grupo que desde o final dos 1970 luta por direitos e deveres iguais aos negros brasileiros, e tem também sua trajetória na construção do Partido dos Trabalhadores. Proponho então a reflexão: todos os negros aqui citados estão preocupados com a transformação das comunidades negras para retirá-las da miséria?

Em janeiro de 1999, após as eleições para presidente, governadores, senadores e deputados federais e estaduais, a *Raça* fez uma matéria com os eleitos para deputado federal, apresentando-os como indivíduos que chegavam ao Poder Legislativo com o objetivo de organizar projetos de lei voltados para comunidade negra.

A ideia de que o movimento negro nos propõe é a mesma, de engajar os negros eleitos junto a sua comunidade de etnia. A revista traz para nós a possibilidade de pensarmos uma sociedade que começa a aprender a ser justa com negros e seus descendentes. Mas a realidade é outra, quando, após serem eleitos, nem todos conseguem fazer pela comunidade e sim para um seguimento específico da classe trabalhadora. Importante, nesta matéria, é que seu subtítulo nos remete a essa prioridade dos deputados eleitos, que pertencem a partidos de vários segmentos sociais e direcionamentos teóricos e políticos, como liberais, conservadores, religiosos cristãos ou de matriz africana e mesmo da esquerda progressista. Moldados para representar os negros ou para dar continuidade ao processo racista vigente, agindo como novos capitães do mato ou negros entreguistas, mal chamados de “negros da casa grande”?

nas eleições de outubro surgiram novos rostos, nomes e cores. Entre os eleitos estão alguns negros – poucos ainda para representar as necessidades de tantos. Mas eles pretendem fazer muito barulho, como se fosse uma legião defendendo a causa negra... (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jan. 1999, p. 53).

Devemos enxergar o papel social que esta revista desenvolve para as comunidades negras em nosso país, como coloca o processo de democracia em uma questão de identidade nossa e de todos os brasileiros como um senso comum; analisar esta revista como fonte de uma

sociedade que se forma em seus antagonismos, racial, cultural e social. A contradição disto é como a revista é visualizada por seus leitores e qual o papel que ela desenvolve nas comunidades negras. Abaixo, temos a fala do professor Valter Roberto Silvério, no debate no realizado na Universidade de Campinas com editores da revista *Raça Brasil*:

Me parece que a revista Raça, ao mesmo tempo que ela responde a um universo, que do meu ponto de vista, o movimento negro na sua versão mais militante não conseguiu penetrar, ao mesmo tempo que ela atende ao segmento da população negra que de fato o movimento negro histórico não conseguiu penetrar, me parece que ela, isto ficou um pouco evidente pela fala do Roberto Melo como do Aroldo Macedo, ela vem numa perspectiva de trabalhar com o segmento da população negra que ascendeu, sofreu um processo de mobilidade social, mas que a preocupação é com o consumo, em especial, com o consumo estético desta população. (KOFES, 2010, p. 256).

O sistema capitalista utiliza da própria história do movimento negro – um método eficiente é o racismo estrutural –, usa da apropriação da cultura negra para nos colocar uns contra os outros, fazendo acreditar que negros e negras, como diz o achismo popular, na verdade são os verdadeiros racistas, que a culpa parte de nossos pares; e isentando a sociedade civil branca pequeno burguesa, tradicionalista e conservadora. Um dos métodos é o machismo que constrói no imaginário masculino a ideia de superioridade do homem negro sobre as mulheres negras; fazendo também acreditar que somos divididos mais pelo gênero do que pela etnia. É importante lembrar que a questão racial perpassa a questão de gênero e a questão de classe. Pensando neste paradoxo, o filósofo Fanon, segundo apresenta Ana Cláudia Pacheco:

compreende que o racismo, enquanto um sistema de dominação colonial e pós-colonial é engendrado nas mentes dos homens e mulheres “de cor”, fazendo com que os dominados (colonizados) internalizem desejos por quem os dominou, nesse caso, pelos colonizadores. A sedução da mulher e do homem “de cor” por parceiros (as) brancos (as) se traduz, segundo Fanon, pelo complexo de inferioridade do dominado e pela superioridade da cultura dominante do colonizador. (PACHECO, 2008).

Em agosto de 1997, a revista publica matéria com a chamada “Quem tem razão? Apaixonados pela sua cor, homens e mulheres negros sentem-se rejeitados pelo sexo oposto da sua raça e acusam-se mutuamente de preferir parceiros brancos” (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, ago. 1997, p. 33). A revista desenvolve reportagem discutindo a relação entre o fato de negros se relacionarem com outra etnia e o grau de escolaridade. A matéria apresenta

os seguintes dados: 35% dos negros que têm o primeiro grau nunca se relacionaram com pessoas brancas; entre os que têm segundo grau completo, as estatísticas diminuem para 22%; e, nível superior, 8%. A base para a matéria é a pesquisa realizada pelo Datafolha em 1995, e publicada no livro *Racismo cordial*. Durante a matéria, publica: entrevistas com negros e negras que se relacionam com pessoas da sua própria cor e brancas; respostas de sociólogos e psicólogos, que afirmam o embranquecimento destes negros por não fazerem mais parte de núcleo social ou intelectual. Para finalizar a matéria, apresenta um pequeno trecho intitulado “Desejo não tem cor”, onde novamente se baseia em posicionamento de sociólogo e psicóloga, que mostram que o desejo vem de uma escolha pessoal e não da condição social em se vive no Brasil, um país que se declara miscigenado, em sua democracia, e excludente nas suas instituições. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, ago. 1997, p. 35).

A questão da perda de identidade, principalmente de homens negros, fica explícita na matéria “Por que eles preferem as loiras?” (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, out. 1998, p. 40). A matéria deixa claro como a sociedade identifica casais inter-raciais como um problema forte dentro do racismo. Negros acostumados com falta de legitimidade de sua identidade, ao conseguirem ingressar no mundo dos pequenos burgueses brancos, de alguma maneira desejam deixar seu passado de sofrimento, considerando que a melhor forma é dominar ou ter uma relação com uma mulher branca, de preferência loira: “... é sem dúvida uma comparação interessante, porque o branco representa realmente essa grandeza. Acho que sempre relatei a mulher negra ao retrocesso...” (IBIDEM, p. 41). No corpo da matéria, essa frase é mencionada por um entrevistado que pede para não ser identificado. Aparecem somente as iniciais de seu nome, D.P.: “administrador de empresas negro, bem-sucedido, quarentão...” (IBIDEM, p.41). A matéria nos faz pensar essa condição imposta pelo racismo que está intrinsecamente posta em nossa sociedade. Foi uma matéria que gerou uma discussão gigantesca, com cartas, fax e e-mails enviados à editora da revista.

O que me ponho a discutir sobre esse assunto é que todas as vezes o que transparece é que somente o homem negro não tem consciência de sua situação de escravidão social moderna. Entendo que, por questões como o machismo, as mulheres passam por situações de extrema dificuldade, são elas que criam seus filhos negros sozinhas, estão nos piores postos de trabalho, são estupradas por patrões brancos nas casas onde trabalham de empregadas, diaristas ou qualquer emprego ligado à área de serviços gerais. O que devemos perceber é que esta situação acontece por estarmos numa sociedade que optou pela miscigenação, pela sexualização das

mulheres negras como seres vulgares, dados a promiscuidade. E, por este motivo, homens negros que vivem inseridos nesse espaço social não conseguem romper com essa estatística.

O que as reportagens não direcionam é um caminho para transformamos essa situação. São utilizados argumentos de Joel Rufino Santos, historiador; Ana Lucia Valente, antropóloga; Maria Aparecida da Silva, historiadora; e Sueli Carneiro, filósofa. Estas últimas, do grupo Geledés – Instituto da Mulher Negra. Um vez que a revista vai tratar de uma questão ligada à autoestima dos homens negros, por que não utiliza esse meio de comunicação para transformar essa situação ou por que não indica uma saída para estes indivíduos?

Mas é justamente essa atitude que deve partir de nossos movimentos negros, e principalmente de suas lideranças. A revista, contudo, o que faz é colocar irmãos e irmãs de cor uns contra os outros, dando força ao racismo a brasileira. Mesmo que pareça discutir o problema, a revista somente o intensifica.

Quando leio a revista, penso no que Franz Fanon discute em seu livro *Almas negras, mascarar brancas*:

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável. (FANON, 1955, p. 59).

Entendo que, mesmo passados quase 50 anos entre as edições da revista e a publicação desse livro, estamos numa luta constante contra o racismo, que tece sempre sua teia de forma sutil ao lado sul do equador, onde a escravidão foi um método de exploração do trabalho compulsório, enriquecimento das nações desenvolvidas e construção social da verdadeira forma de se tratar pessoas negras. Sinto que mais de 500 anos de luta ainda são poucos para a inserção do indivíduo negro ao que poderíamos chamar de dignidade e respeito social.

E também entendo que o racismo é estrutural em boa parte do planeta, quando leio Ângela Davis, em seu livro *A liberdade é uma luta constante*:

embora, individualmente, pessoas negras tenham ingressado nas hierarquias econômica, social e política”, sendo o exemplo mais dramático a eleição de Barack Obama, em 2008, a esmagadora maioria da população negra está sujeita ao racismo econômico, educacional e carcerário em uma proporção muito maior do que no período anterior à era dos direitos civis. (DAVIS, 2016, p. 20).

A revista traz uma discussão pouco feita durante os anos 1990, que surge com força nos anos iniciais do século XXI, que é apropriação cultural, um mecanismo instituído pelo sistema do lucro capitalista. Em seu livro *Apropriação cultural*, Rodney William aponta:

Se pensarmos alguns adornos, como turbantes, dreads, cocares, pinturas corporais, e na maneira como inseridos na realidade brasileira, veremos que não só colaboram para construir e manter um imaginário de mestiçagem ou miscigenação que alimenta, por exemplo, o mito da democracia racial, como se tornam símbolos de resistência para determinados grupos. Para além dos elementos de aculturação, como sincretismos e assimilações culturais, a interação nem sempre se dá de maneira tranquila e acaba gerando conflitos que remetem à questão do apagamento ou do esvaziamento de significados, abrindo a discussão sobre os limites de uso e gerando todas as controvérsias que desembocam na apropriação cultural. (WILLIAM, 2019, p. 36).

Quando a revista coloca brancos que se identificam com a negritude de uma forma mais artística, positiva, sobre como são influenciados pela alegria, pela aceitação ou pelo seu modo servil, entendemos que nós, negros, somos muitos mais entregues à felicidade, e, com isso, estamos fadados aos meios das artes direcionadas, samba, capoeira, entre outros estilos, da cultura negra, para que sejamos inseridos como cidadãos e criar uma identidade negra:

Este mês celebramos a consciência negra com matérias de alto-astrol, como a que fala de brancos que adoram a cultura negra, outra explicando as Ações Afirmativas e uma capa que resume o que todo brasileiro quer: igualdade e integração. Meus irmãozinhos, a hora é de celebração. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, nov. 1997, p. 4).

A capa da edição desse mês de novembro de 1997 traz duas mulheres de mãos entrelaçadas, sendo uma delas negra de cabelos cacheados e a outra branca de cabelos loiros, com a chamada “VIVA A INTEGRAÇÃO”, por ser novembro, mês da consciência negra. Nossa cultura ou cotidiano é apropriado para nos dominar e nos colocar na sociedade como uma mão de obra útil ao sistema econômico. Nessa edição de novembro de 1997, temos a matéria “100% negro: eles nasceram brancos, mas vestem a camisa Black: gostam tanto da cultura afro que até pensam que nasceram com a cor errada. Descubra por que a negritude desperta tamanha paixão.” (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, nov. 1997, p. 56).

A democracia racial, ou seja, seu mito, é reforçado e negociado com os leitores da revista, que, aceitando ou não as matérias lidas, veem isso passar a ser um fato, que sai do achismo popular e torna-se uma verdade escrita e fotografada; assim como esses relatos de

pessoa brancas na matéria citada acima: “Tudo é belo no negro. Os cabelos que uso são baseados na cultura. Frequento umbanda e candomblé, curto Black music e minha casa tem vários objetos africanos...” (IBIDEM, p. 58). Relato de Elke Maravilha, descendente de russos e alemães:

Eu digo aos meus amigos que sou um negro que Deus fez branco para ser emissário da negritude. O negro em relação ao branco tem superioridades que são notáveis. A própria condição de ser tirado de sua terra e conseguir se reorganizar de uma forma digna da uma força incrível. Admiro demais a integridade de caráter, a sensualidade e a alegria de viver da raça. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, nov. 1997, p. 58).

Outro relato na mesma edição foi o de Pedro Marinho Rêgo, descendente de italianos e portugueses: “Já sou negro. Me sinto assim. Seja na admiração pela cor da pele, seja no gosto pelos ritmos musicais. Nasci na periferia, onde a cor da pele não difere uma pessoa da outra. Foi nesse universo que cresci e aprendi sobre Black music, samba e futebol.” (IBIDEM, p. 63). E também o de Marcos Marques, diretor de arte da *Raça Brasil*, descendente de índios e holandeses, relato que foi intitulado “O brancão da Raça”.

Desta maneira, com Rodney William, podemos concluir:

Junte-se a tudo isso as especificidades do capitalismo e da sociedade de consumo e não será difícil concluir que a manutenção da dominação e do lucro como demandas prioritárias revela as questões econômicas num mercado cada vez mais desumano, direcionam o mundo moderno. Na esteira da indústria da moda, por exemplo, surge uma infinidade de denúncias de apropriação cultural. A falta de comprometimento ético com história de alguns grupos impede que se conheçam minimamente alguns traços culturais e de identidade que deveriam ser respeitados. Lembrando mais uma vez Abdias do Nascimento, deixar de olhar para as coletividades, além de impossibilitar a convivência e o diálogo na diversidade, constrói uma noção de universalidade que acaba condenando grupos marginalizados a um extermínio disfarçado de integração. (WILLIAM, 2019, p. 37).

Essa mesma edição, do mês de novembro de 1997, para compreendermos um pouco mais de como o mito é reforçado, destaco a matéria “AÇÕES AFIRMATIVAS”, que traz que o Congresso Federal discute vários projetos de lei para integrar os negros à sociedade, sejam estes projetos federais ou estaduais. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, nov. 1997, p. 72). Entre eles, estão as “Cotas obrigatórias para negros: o nó da questão” (IBIDEM, p. 73). Existe, implicitamente, uma resistência sutil ou leve preocupação da inserção nos espaços

reservados aos brancos desde a formação do que podemos chamar de sociedade brasileira, no processo de colonização. Não perguntaram aos negros se eles queriam construir um “novo mundo”, fomos acorrentados e arrastados à força para a produção da cana de açúcar e monetarização das coroas europeias.

Entendemos que as cotas são um paliativo para sanar o racismo e seus desdobramentos sociais, mas a criação desse processo mostra como é difícil romper com o *status quo* vigente em nosso país, que não discute privilégios, benefícios ou direitos dos brancos, sejam eles dados pelo Estado ou pela sociedade civil. Os cargos de direção ou liderança de empresas privadas são em sua maioria de pessoas brancas. Prefeitos, vereadores, deputados estaduais ou federais, em sua maioria, também são destinados à etnia branca. Por qual motivo não discutimos a permanência destas pessoas nas esferas de domínio e decisões, que devemos respeitar, estudar, onde morar e até mesmo como nos vestir ou comer, na sociedade ao qual estamos inseridos?

Ainda me lembro das discussões que tinha com meu amigo Luiz Sergio, nos botecos do Rio de Janeiro, isso lá pelos anos 70, sobre a ascensão do negro no Brasil. Ele defendia a tese de que quanto maior a quantidade de negros pressionando o mercado de trabalho e outras áreas, chegaríamos a um ponto em que, naturalmente, teríamos a tão sonhada qualidade. Em outras palavras, só atingiríamos cargos importantes depois de termos conquistado um grande número de posições intermediárias. Eu pensava diferente: defendia a qualidade de cara. Achava que havendo negros que se destacassem na sociedade, mesmo se fossem casos isolados, teríamos o tão sonhado “espelho” que estimularia os outros a perseguirem o mesmo ideal de liberdade e dignidade. Felizmente, hoje já não importa mais que estava com a razão. A ascensão social dos negros é um fato irrefutável. Luiz Sergio, você aí no céu deve estar nas nuvens. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, mar. 1997, p. 4).

Vivemos em uma sociedade de perspectiva capitalista, que tem, em seu objetivo, o lucro acima de qualquer fator, na exploração da mão de obra barata e desqualificada, na alienação dos modos de produção desta mão de obra, no processo de desigualdade social como intuito de manter as distinções de classe entre exploradores e explorados. Por este motivo, a revista *Raça Brasil* tem um papel fundamental na manutenção deste sistema. Há um objetivo de lucro com o lançamento desta revista que é para determinado segmento da sociedade. São as pessoas negras, como consumidores de objetos supérfluos, que se veem inseridas na construção do ideológico social, pois elas passam a se ver todos os meses nas bancas de revista, que, em sua maioria ou totalidade, são de revistas com modelos e personalidades brancas. Quando pensamos

em sociedade do consumo, Jean Baudrillard em seu livro *A sociedade de consumo*, nos traz o seguinte entendimento:

não existem limites para as necessidades do homem enquanto ser social (isto é, enquanto produto de sentido e enquanto relativo aos outros em valor). A absorção quantitativa de alimento é limitada, o sistema digestivo é limitado, mas o sistema cultural da alimentação revela-se como indefinido... (BAUDRILLARD, 1995, p. 64).

E Baudrillard continua e nos ajuda a entender a posição da editora ao lançar essa revista:

É precisamente aí que residem o valor estratégico e a astúcia da publicidade: atingir cada qual em função dos outros, nas suas veleidades de prestígio social reificado. Nunca se dirige ao homem isolado: visa-o na relação diferencial e quando dá a impressão de retardar as suas motivações profundas, fá-lo sempre de modo espetacular, isto é, convoca sempre os vizinhos, o grupo, a sociedade inteiramente hierarquizada para o processo de leitura e de encarecimento que ela instaura. (BAUDRILLARD, 1995, p. 64).

Podemos perguntar: por qual motivo o consumo é o que move essa sociedade capitalista? Aumente seus *status*, preserve a sua imagem. Torne-se um consumidor que pode ter tudo o que deseja pelo trabalho, e, ao mesmo tempo, não conseguir satisfazer seus desejos, sonhos e esperanças, que são vendidos, principalmente, nas revistas como a *Raça Brasil* que, entre uma matéria e outra, expõe propagandas de estética do cabelo alisado, cacheado nas mulheres negras, e, para os homens, cabelos curtos e aparados; roupas de grandes marcas nacionais e importadas; dicas para proteger sua pele do sol e do ressecamento.

“Adoro pensar que, neste momento, ninguém no mundo sabe o que se passa pela minha cabeça”. Esta afirmação está em uma das diversas propagandas da revista *Raça Brasil*. Esta se dedica à linha American Hair, da empresa Embelleze, do ramo de cosméticos, para alisamento, cachos, cabelos difíceis e “rebeldes”. Continua a propaganda: “... mas o que as pessoas veem no meu rosto, é o reflexo de tudo o que eu quero ser, há ditado que diz: os olhos são o espelho da alma. Eu diria que os cabelos também são...” (RAÇA BRASIL, anúncio publicitário, nov. 1997, p. 27).

Quando pensamos em consumo, queremos ter algo que nos satisfaça, nos deixe felizes e de bem conosco mesmos. Assim, consumir uma revista que mostre negros e negras em situações de felicidade constante ou aceitando a sua condição social com bom humor nos

reconforta o coração, traz a sensação de prazer e nos afasta do problema de estarmos ligados a uma sociedade racista e excludente.

Em *A sociedade de consumo*, Baudrillard aponta como o consumo está intrinsecamente ligado à felicidade, à forma como a sociedade capitalista nos leva ao posicionamento do “quanto mais você consome melhor se torna a realidade ao seu redor”, “consoma e o seu futuro será garantido”. A revista mostra que o consumo é o meio pelo qual venceremos a desigualdade social e racial, comprar está sempre na moda ou atualizado, as novidades da sociedade consumista. O antagonismo se dá pelo fato de que as comunidades negras, geralmente, são excluídas desses benefícios de adquirir casa própria, carros de última geração, roupas adaptadas às necessidades especiais, entre outras oportunidades que são geradas para o “bem-estar” social.

Por qual motivo é feita “a revista dos negros brasileiros”, qual é a verdadeira intenção da editora Símbolo em investir em uma revista com destaque de pessoas negras? A resposta, por mais óbvia que seja, às vezes nos gera dúvidas históricas e recorrentes. É o desejo de transformar socialmente a vida dos negros no Brasil? Colocar em destaque negras bonitas e inteligentes, como modelos a serem seguidos por adolescentes, e, assim, enaltecer sua autoestima? Compreender e poder nos orgulhar, e ter a consciência de que os excluídos, à margem da sociedade deste os tempos da escravidão, agora têm voz e vez?

Partindo desse pressuposto, entendo que possa existir uma lógica social nesse consumo que é:

A lógica não é da apropriação individual do valor de uso dos bens e dos serviços - lógica de produção desigual em que uns têm direitos ao milagre e outros apenas às migalhas do milagre -; também não é a lógica da satisfação, mas a lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais. (BAUDRILLARD, 1995, p. 59).

Compreender o racismo em sua estrutura de convencimento social e capitalista, que não cria nada, somente se apropria das condições que lhes são apresentadas de acordo com o tempo e local inseridos, nos faz analisar o processo de manipulação ideológica advindo de pessoas também negras que participam deste processo, acreditando que podem melhorar a vida de comunidades ou indivíduos pela lógica da exploração do outro menos favorecido.

Assim, consumir se torna uma satisfação coletiva e não individual. Cada um tem a possibilidade de viver melhor em sociedade. Com uma vizinhança fora dos perigos da violência, do crime e das acusações de racismo que perpassam a vida de pessoas de etnia negra, sejam

elas pardas ou pretas. Seria um sonho de nossos irmãos de cor. Mas a realidade nos mostra outra face. A dura realidade de quem vive nas cidades de grande, médio ou pequeno porte. Sobreviver a centenas de anos de exclusão, por ter vindo de uma realidade de escravidão, e, com o fim desta escravidão, sem direitos a ressarcimento por anos de trabalhos árduos, inseridos numa democracia hegemônica e genocida do povo preto. Que apostou no processo de mestiçagem para assim acabar com a imagem ruim do negro no país, e criar uma sociedade de cor brasileira diferente de todos os outros países de exploração escravagista.

Os anos 90 do século XX no Brasil são o símbolo de nova esperança para toda a sociedade. Passamos anos dentro de uma ditadura civil-militar, uma noite de mais ou menos vinte e um anos, com oscilações de governos militares que foram da proibição simples dos direitos civis, como o toque de recolher; a deposição do presidente vigente em 1964; ao fechamento do Congresso Nacional; até a perda total dos direitos democráticos. A nova política nos concedeu a oportunidade de escolhermos nossos representantes pelo voto nas urnas. Em 1984, fomos às ruas pedir o fim da ditadura brasileira, com a marcha de um milhão e meio na Praça da Sé, em São Paulo, que é um marco histórico de uma transformação social na vida de muitos brasileiros. Em 1988, a luta pela “Diretas Já” nos impulsionou a uma nova era: negros, brancos e indígenas unidos como uma só nação para o bem de todos. Somos impulsionados a refletir sobre esse momento: é que a democracia, quando está ameaçada, principalmente no viés internacional, há forças, invisíveis ou não, que exigem mudanças para que o sistema capitalista sobreviva.

Em 1994, o país mudou radicalmente a economia monetária para salvar-se do cataclisma financeiro, com a criação do Plano Real (Unidade Real de Valor) pretendendo planificar os bens de consumo e combater a inflação. A partir de 1995, após a posse do novo presidente de origem social-democrata, é aprovado, em novembro, o dia nacional da consciência negra, tendo como referência a execução de Zumbi dos Palmares em 20 de novembro de 1695. Assim, após trezentos anos de sua morte, a data passou a ser celebrada como data oficial do dia nacional da consciência negra.

Essa pequena análise da história do Brasil é para que possamos compreender o porquê de, em 1996, aparecer uma revista direcionada aos negros. Em sua terceira edição, no mês de novembro de 1996, era comemorado um ano de aprovação do dia nacional da consciência negra. Na edição, há um artigo sobre a memória, intitulado “Zumbi dos Palmares, o nome da liberdade”, escrito por Edson Lopes Cardoso, militante do Movimento Negro Unificado

(MNU). O artigo discute a representação de Zumbi no movimento negro e nas esferas dos movimentos negros, descreve a representação da luta do povo negro e a importância de termos um herói que nos remete à representatividade que une passado e presente desta luta e nos faz avançar cada dia mais contra o sistema opressor (RAÇA BRASIL, Seção Sempre em Raça, nov. 1996, p. 42). E completa:

Zumbi condensa as melhores virtudes do nosso povo, por isso é história e mito. Os prisioneiros das expedições que, sucessivamente, intentaram por todo um século destruir palmares, eram proibidos de permanecer na capitania de Pernambuco. Foram espalhados e saíram espalhando as sementes daquelas palmeiras que estão profundamente, arraigadas em nossa subjetividade coletiva. Somos de algum modo todos palmarinos. (RAÇA BRASIL, Seção Sempre em Raça, nov. 1996, p. 43).

A luta do povo negro, sempre presente na rotina de tantos, tem arraigado no passado todos os desdobramentos para chegar aos dias atuais e novamente estampar páginas, como o surgimento de mídia impressa pró negros.

Capítulo 2

A construção da identidade cultural pela revista. Uma questão de raça e classe

Para o movimento negro, a “raça” é, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação. (DOMINGUES, 2007).

A juventude negra dos anos 90 do século XX está inserida em um contexto social, racial e de luta. A violência contra esta juventude é denunciada pelo movimento negro organizado, oriundo de partidos de esquerda, movimentos religiosos de matrizes africanas, movimentos quilombolas que lutam pelo direito à terra conquistada desde a escravidão nacional, mulheres negras, entre outros movimentos que se espalham em diferentes segmentos dentro do movimento negro. O abuso de autoridade, as ações policiais, a falta de emprego e oportunidades no campo do trabalho, no ensino desde a base conduzem a comunidade negra a discutir seu espaço nesta sociedade.

Com a revista *Raça Brasil*, de 1996 a 1999, irei analisar suas muitas seções. Entre elas, a seção denominada Linha de Frente. Tal seção é periódica e escrita por Aroldo Macedo, editor chefe da revista. Entre as reportagens e matérias da revista sobre a negritude brasileira e mundial, fiquei preocupado em não colocar no papel minhas expectativas de discutir uma revista que tem um cunho mais de entretenimento e diversão, e, ao mesmo tempo, mescla cultura, denúncias de racismo e moda. Coloquei, assim, uma pergunta em cada artigo: lutar contra a opressão ou mostrar que os negros conseguem vencer na vida, mesmo com todo o preconceito existente, utilizando-se do bom humor?

Que mudança é essa? Vencendo o preconceito no cotidiano. Conquistando cargos. Tendo acesso a bens serviços e posições que nos eram negados. Se antes diziam que para ter sucesso precisávamos ser artistas ou jogadores de futebol – profissões muito dignas, diga-se de passagem – hoje também jogamos no campo dos médicos, advogados, engenheiros, executivos e empresários. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, nov. 1996, p. 4).

A revista *Raça Brasil* tem várias seções que vão desde a denúncia ao racismo a dicas de beleza. “Beleza e moda”: discute transformação pelo corte de cabelo, produtos para os cabelos, dicas de beleza e vestimentas. “Comportamento”: discute sobre a juventude negra dos anos 1990 se assumindo enquanto negros e mostra negros que trabalham e se destacam nas empresas privadas. “Cultura e lazer”: mostra lugares de diversão, lançamentos e negros de destaque na música. “Gente que é”: traz entrevistas com artista negros de destaque, negros de beleza em alta, como negro e negra “gatos”. “Sempre em raça”: nesta seção, mostra discussão contra o racismo, a memória do povo negro e horóscopo.

Ao longo desse período, a revista passou por variações em seu sumário e atualizou suas preferências em noções de moda, luta contra o racismo. Suas capas também foram diversas na discussão de ser negro no Brasil. Em uma das capas de 1996, a chamada era “A nova onda é ser Black”; jovens assumem sua negritude e declaram ter orgulho da raça. Em 1997, uma discussão que é feita nos dias atuais esteve na capa da *Raça*: “Viva a integração – 100% NEGROS: eles nasceram brancos, mas adoram a cultura Black!”. Em outra, no ano de 1998, vê-se o seguinte *slogan*: “No dia da consciência negra grite bem alto: NOSSA COR É LINDA!”. Não proponho o ódio. Mas a revista quer que tratemos o racismo, a desigualdade social, a morte de várias mulheres negras em hospitais e a criminalização do homem negro pelo sistema, com bom humor, e aceitando que estamos em momento de felicidade e ascensão econômica, como isto bastasse para acabar de vez com o racismo no Brasil?

Todos sabem das peculiaridades do racismo à brasileira – um racismo sem racistas. A pessoa negra conhece a discriminação desde seus primeiros anos de vida, sem que nunca o outro lado se declare. Quando perguntamos para a maioria dos brasileiros: “Você é racista?” A resposta invariável é: Não. (INSTITUTO AMMA, 2008, p. 10).

O Instituto AMMA é direto chamado para produzir artigos e reportagem sobre a condição do negro nas revistas *Raça Brasil*. O instituto se apresenta da seguinte maneira:

É uma organização não governamental que foi criada, em 1995, por um grupo de psicólogas com o objetivo de trabalhar as complexas relações inter-étnico-raciais, em especial as relações entre populações fenotipicamente diferentes, por meio de uma abordagem psicossocial. Por entenderem que muitas das representações que habitam o imaginário brasileiro foram constituídas a partir de ideias racistas, de certa época, e que continuam a se reproduzir, ao longo do tempo, causando sérias consequências à saúde psíquica da população negra, optou-se por um trabalho visando resgatar a

autoestima da população negra e promover a conscientização sobre os efeitos do racismo para a sociedade”. (INSTITUTO AMMA, 2008, p. 12).

Para pensarmos a que classe a revista visa, vejamos sua matéria “O Rio continua lindo”, de fevereiro de 1997. A matéria mostra um roteiro de férias na “cidade maravilhosa”, mas o que vemos é um roteiro voltado à classe média negra. Negros em sua maioria pobres não têm condições financeiras de conhecer ou se hospedar em hotéis e restaurantes, em sua maioria situados na Zona Sul ou na região central da Marina da Glória, bairro das Laranjeiras, áreas nobres da cidade.

A cidade maravilhosa, cantada e idolatrada por turistas do mundo todo, prova que é muito mais que palco para o carnaval e capital do futebol. Suas belezas naturais vão das praias às encostas, da música que embala o povo da cidade às mulheres esculturais e vaidosas. (RAÇA BRASIL, Seção Viagem, fev. 1997, p. 92).

Para percebermos como é tratado o racismo acompanhamos essa mesma edição, que é uma edição de carnaval. Há duas figuras de destaque no carnaval carioca. A primeira é a mulher negra de maior destaque na TV naquele momento, especificamente por seu corpo, Valeria Vanlessa, a famosa “Globeleza”, nome dado por seu marido Hans Donner, homem branco e de maior influência dentro do canal de TV global: “o engraçado é que, conhecendo o Hans no primeiro dia de testes na Globo, agradável e atencioso com todo mundo, eu pensei que gostaria de ter um namorado como ele” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, fev. 1997, p. 42).

Em momento algum culpo a mulher por este destaque, por sabermos como agem o machismo e o racismo de mãos dadas dentro de um sistema paternalista. Isso reforça o estereótipo de que uma mulher negra será bem-sucedida somente se estiver ao lado de um homem branco e poderoso. Nos faz sonhar e cria em nosso imaginário que toda mulher negra deve ter o perfil de beleza da “Globeleza”, segregando irmãos e irmãs negras do padrão colocado em destaque.

Outra forma de percebermos a construção ideológica de “sendo homem, se for famoso é cantor de samba” é, na mesma edição, a matéria de Luís Antônio Feliciano Marcondes, para ficar mais entendido, o “Neguinho da Beija-Flor”: “sorriso tão à mostra quanto a pulseira e o anel de ouro com seu nome gravado” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, fev. 1997, p. 10). Em sua entrevista, a repórter da revista faz perguntas sobre sua carreira, seu poder aquisitivo, como ficam os sambistas antigos com os novos grupos de pagode: “Você sempre exalta a beleza negra

em suas canções. Essa é sua maneira de contribuir para a conscientização da raça?” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, fev. 1997, p.12). O Neguinho dá uma resposta bastante tranquila, colocando que essa é sua forma de expressar, é o que sabe fazer, que é cantar. Logo após, uma pergunta que nos divide enquanto pessoas de cor: “Por outro lado, a fama traz o assédio feminino. Você é muito assediado?” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, fev. 1997, p. 12).

Essa é uma questão que deve ser bastante pensada por nossa comunidade negra. Somente o homem negro famoso é assediado? Por qual motivo o assédio parte somente das mulheres? A resposta é de nos fazer repensar sobre o discurso do homem negro: “Às vezes me dão bilhetes no palco, e quando vou ver é telefone, torpedo, dizendo: eu sou loira, olhos azuis, e quero te namorar.” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, fev. 1997, p. 13). Na continuidade da resposta, mostra a necessidade de trabalharmos a autoestima da população negra:

uma vez, em piedade. Onde antigamente ia muito jogador de futebol, duas “loirinhas vieram conversar comigo. Uma moça negra, incomodada com aquilo veio logo perguntando: por que negro quando fica famoso, arranja uma loira? Respondi: eu vim cantar. “Você tem que perguntar para elas por que vão se chegando num crioulo quando ele se torna famoso...” “...Não vê as estudantes... Assistindo sempre os treinos. Elas sempre chegam perto do jogador que está se destacando. Elas veem ali o futuro, estão investindo. Quando um jogador começa a se destacar, até a mãe orienta, naquela: vai lá minha filha...” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, fev. 1997, p. 14).

A objetificação do homem negro e da mulher negra de destaque é reforçada nestas duas reportagens, que colocam as celebridades negras como um exemplo a ser seguido por nós negros, comuns, que vivemos do trabalho forçado, em fábricas, como *offices boys e girls*, seguranças patrimoniais, catadores de papel, entre outras profissões de baixa remuneração.

Para pensarmos de forma diferente, em dezembro de 1997 a revista traz outra perspectiva na Seção “Linha de Frente”:

Com o fim de ano batendo na porta e 1997 já dando adeus, só nos resta a grande pergunta: “foi bom pra você?”. Para nós, negros, foi um ano e tanto! Aliás, nunca estivemos tanto em pauta como agora. O grande desfecho foi com a “descoberta” da classe média negra e com a divulgação da pesquisa da agencia de publicidade. Ela revela, entre outras coisas, que existem mais de 8 milhões de negros que ganham acima de 20 salários. Vocês já fizeram conta? Pois é, são muitos milhões de reais, muitos zeros à direita, que atrairiam investidores, agências de publicidade ou qualquer pessoa de negócios interessada em novos nichos. É claro que nós, negros, não estamos em leilão. Nosso rico dinheirinho vai ter que ser disputado com muito empenho. Nós teremos de ser ouvidos para futuras campanhas, para que não haja, por

exemplo, distorções em seus slogans. Os publicitários terão de pesquisar o que sentimos e o que queremos, para nos oferecer o produto certo, o que desejamos. É muito simples. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, dez. 1997, p. 3).

Em contrapartida, o movimento negro está em destaque neste momento pela trajetória de luta, não por que agora faça parte da “classe média” brasileira.

Uma dessas lutas são as músicas de protesto feitas por negros de periferias em todo o país, conhecidas como *Rap*, um grito de alerta e protesto contra o sistema racista e cruel, vivido no Brasil há séculos. Isso se vê na entrevista com o grupo Racionais Mc's, na edição especial sobre *Black Music*, em 1997, e outras informações sobre a música negra no país e internacional.

O grupo lança, neste ano de 1997, o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, que se tornou um disco de peso em sua carreira. Justamente com este álbum o *rap* nacional ganhou um destaque, como diz o ditado popular: “saiu do morro e foi ganhar o asfalto”. Na entrevista produzida pela revista, as perguntas feitas ao grupo sempre permeiam a ideia de não quererem atenção da grande mídia ou dos meios de comunicação de massa:

Nessa entrevista com tradicional crueza de suas letras que socam o estomago do sistema, Mano Brown, Ice Blue, Edy Rock e Kl Jay mostram porque fazem questão de ser “outsiders” da indústria fonográfica.

[...]

Raça: vocês acham que o rap nasceu pra ser político? (RAÇA BRASIL Especial, *Black Music*, Entrevista, 1997, p. 11).

A pergunta da revista ao grupo é uma pergunta que vive sempre ao redor do estilo de música que nasceu da angústia, miséria e tristeza do povo que nunca teve seu lugar ao sol. A resposta dada por Mano Brown, um dos vocalistas do grupo, revela uma das identidades do *rap*, desde o seu primórdio:

você já nasceu preto, descendente de escravo que sofreu, filho de preto que sofreu, continua tomando “enquadro” de polícia, continua convivendo com drogas, com tráfico, com alcoolismo, com todos os baratos que não foi a gente que trouxe pra cá. Foi o que colocaram pra gente. Não é uma questão de escolha, é quem nem o ar que você respira. Então o Rap vai falar disso aí, por que a vida é assim. (RAÇA BRASIL Especial, *Black Music*, Entrevista, 1997, p. 14).

Qual o sentido desta entrevista, despertar a juventude negra ou questionar o posicionamento de negros que não se dão por satisfeitos com as migalhas deixadas pelo racismo

e seu sistema cruel? Transformar a juventude em órgão consciente para lutar pelo seu espaço na sociedade? Essas questões são pertinentes quando analisamos as outras abordagens da revista com as várias formas de expressão musical.

Para entendermos melhor essa questão da música nos anos 1990, outro estilo que faz a mente dos jovens negros do Sudeste brasileiro é o pagode, descendente do samba de raiz. Negritude Jr. é um dos grupos de grande destaque na região de São Paulo capital, juntamente com o grupo Raça Negra, que, mesmo tendo este nome, não é associado a nenhum movimento social negro.

Na edição especial de Black Music da *Raça Brasil*, temos matérias sobre esses grupos, mostrando a possibilidade de ser famoso aos moldes da sociedade capitalista: “Negritude Jr., grupo de samba que nasceu na Cohab de Carapicuíba, em 1985, e com simplicidade, talento e profissionalismo ganhou o Brasil e espera ultrapassar fronteiras.” (RAÇA BRASIL Especial, Black Music, Seção Musica Por Ai., 1997, p. 22).

Logo em seguida, vem a matéria sobre o Raça Negra:

O trabalho deles já foi chamado pelos críticos mais ferrenhos de “sambanejo”. Mas eles garantem que o que fazem é samba. O samba do Raça Negra. Os mais de 15 milhões de cópias vendidas, em sete álbuns, comprovam a popularidade de quem veio para ficar. (RAÇA BRASIL Especial, Black Music, Raça Negra, 1997, p. 24).

A venda de discos, o sucesso e as aspirações, de uma vida sofrida, que sai da comunidade pobre e ganha holofotes na sociedade do consumo... |O que devemos pensar, é qual o verdadeiro ganho que teremos para a nossa raça. Serão esses os exemplos de uma vida melhor, baseada no conforto de vender milhões de cópias, ser humilde nos espaços brancos, sorrir sempre para donos de gravadoras e grandes empresários das mídias de comunicação de massa?

Aprendemos que a vida dos negros deste país se resume à sua capacidade artística, é necessário render-se ao *status quo*, branco, segregacionista, que nos impõe uma postura de servidão, sempre que falam das nossas qualidades, que não são intelectuais e sim de entretenimento, e nos mantém nas comunidades periféricas à mercê da violência urbana:

Desde os tambores ecoando na Mama África que a música, com seus mais variados ritmos está intimamente ligada a alma negra. E, principalmente, se espalhando por todo o nosso planeta. Marcando presença”. (RAÇA BRASIL Especial, Black Music, Seção Linha de Frente, 1997, p. 3).

No início dessa edição especial da revista, Haroldo Macedo, editor chefe, faz essa chamada e completa:

a música negra pode ser considerada um agente transformador, mas também traduz alegria, bem-estar, romance e recordações. E nesse cenário, o Brasil se coloca merecidamente, como grande expoente e exportador cultural das mais variadas tendências musicais, que vai do tradicional samba carioca aos ritmos afro-baianos. Do rap paulista contestador e atuante aos requintes da bossa nova. (RAÇA BRASIL Especial, Black Music, Seção Linha de Frente, 1997, p. 3).

Nem todos os negros terão as mesmas oportunidades nas relações artísticas e musicais, a grande maioria irá desenvolver a baixa autoestima, a depressão, e se refugiar nas drogas, como o álcool, entre outras coisas que sempre destruíram as comunidades e os colocaram servis aos senhores, donos dos meios de produção capitalista e meritocráticos, que dizem: “este não se esforçou o bastante como o outro para chegar ao sucesso, todas as oportunidades foram dadas de formas iguais, alguns se esforçam e outros não”.

Para a juventude negra do século XXI estão colocados os mesmos desafios do cotidiano urbano. O *Atlas da Violência* de 2018 evidencia um aumento no extermínio desta juventude: 71% dos assassinatos são de jovens e pobres, de periferia, que se declaram pardos ou negros. Em 1998, temos o *Mapa da violência contra os jovens do Brasil*, que discute a condição da violência sofrida pelos jovens neste período, mas não determina por etnia; todas as informações são gerais, como se negros e brancos dividissem as mesmas perspectivas de vida, de assassinatos, de suicídio, entre outras mazelas a que somos expostos:

A tremenda realidade dos dados expostos põe em evidência nosso esquecimento e, por assim dizer, em muitos casos, nossa omissão. Os jovens só aparecem em nossa consciência e na cena pública quando a crônica jornalística os “tira” do esquecimento para mostrar-nos um jovem delinquente, ou infrator, ou criminoso; seu envolvimento com o tráfico de drogas e de armas; as brigas das torcidas organizadas ou os bailes da periferia. Do esquecimento e da omissão passa-se, de forma fácil, à condenação, e daí resta apenas um pequeno passo para a repressão e a punição. (WAISELFISZ, 1998, p. 8).

O material produzido pelo coordenador de Desenvolvimento Social da UNESCO Brasil apresenta o seguinte:

dentro de seu plano estratégico de mediano prazo, (UNESCO) tem estabelecido o tema da juventude como uma de suas três grandes prioridades, junto com o tema da mulher e do combate à pobreza. Tem desenvolvidos um programa específico nesta área: os jovens e o desenvolvimento social, centrado no fomento da cooperação ativa da vida social. (WAISELFISZ, 1998, p. 12).

Como pode dar certo um processo que visa igualdade na avaliação da violência sofrida por uma sociedade dividida pelo conceito de raça, gênero e classe? Para elucidar o que escrevo, podemos ler, em edição junho de 1997 da revista *Raça Brasil*, uma reportagem sobre a violência policial:

vítimas do racismo e do desrespeito, os negros são abordados com maior frequência pela polícia do que os brancos e sofrem mais a violência dos policiais. Essa injustiça fica gritante quando se constata que a maioria dos contraventores que lota os presídios do país é branca. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jun. 1997, p. 60).

A reportagem faz uma linha histórica do início da polícia, desde a escravidão, com capitães do mato e feitores de escravos que faziam o trabalho de capturar negros escravizados. Esta prática foi profissionalizada após a abolição da escravidão:

reprimir os crimes perpetrados pela população pobre é tão velho como a história da polícia brasileira. Surgida no período colonial, a força militar não recebia remuneração e era formada por homens brancos e jovens. Depois da independência do Brasil, os guardas se profissionalizaram e deixaram para trás os títulos de feitores de escravos e capitães do mato. A perseguição voltou-se, então, para os negros livres e para os imigrantes. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jun. 1997, p. 62).

Trata da ação da polícia em São Paulo contra negros, principalmente depois da morte de pessoas negras nas mãos de um policial que ficou famoso com a reportagem na cidade de Diadema, no ABC paulista, no dia 7 de março de 1997. O apelido do policial era Rambo, em alusão ao herói de guerra estadunidense que sempre salva a pátria contra os inimigos do sistema. O que nós devemos questionar é: em qual dado a reportagem se baseia para dizer que a maioria da população carcerária no país é de etnia branca?

de acordo com os dados publicados anualmente, a maioria dos presos é branca e jovem, nascida principalmente em Estados das regiões Sul e Sudeste. Senso de 1995 contabilizou 140.000 presos em todo o país, dos quais 134.000 eram

homens. Nessa contagem os negros e mestiços, mais uma vez, apareceram em menor proporção 43%... (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jun. 1997, p. 62).

O artigo publicado pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, em 2004, intitulado *Raça e gênero no sistema de justiça criminal brasileiro: perfil dos operadores e da população carcerária*, relata, no item 2: “população carcerária, confinada, mas desconhecida: o problema dos dados”. Aponta que não havia como determinar as características demográficas e sócio raciais da população prisional:

segundo esclarecimentos de técnicos do IBGE, não é feito propriamente um censo nos mencionados “setores especiais”, ou seja, não há aplicação de questionários aos presos, e sim transcrição de dados constantes de listas e fichas fornecidas pelos diretores de prisões e cadeias. Daí resultam informações falhas e – o que é pior – enviesadas. Mesmo os dados do universo excluem algumas Unidades da Federação, onde, provavelmente, as administrações prisionais não forneceram números; dentro das UF’s, contemplam apenas uma parte dos estabelecimentos e, possivelmente, dentro de cada estabelecimento, uma parcela apenas do contingente de presos. Noutras palavras, mesmo o “universo” do Censo é uma “amostra”, e nada aleatória, da população carcerária brasileira, sujeita aos mesmos problemas que enfrenta o próprio Infopen: falta ou má qualidade dos dados produzidos pelas unidades prisionais, resultando em totalizações incompletas e distorcidas. (MUSUMECI; SOARES; BORGES, 2005, p. 7).

Vivemos em uma sociedade que mascara a verdade e cria uma “democracia racial” que nos coloca como a raça que mais sofre violência policial e ao mesmo tempo diz que a maioria de pessoas encarceradas é a população branca. O nosso genocídio e extermínio é um projeto que vem dando certo há mais de quatrocentos anos no Brasil. Somos constantemente abordados pelas falácias do sistema que nos cerca. E utilizar uma revista de grande repercussão nacional, que fala diretamente com sua comunidade negra, também faz parte deste processo de “fique calado, que as coisas irão melhorar”; “se você realmente enxergar com nossos os olhos, verá que existe racismo, mas não é bem assim como colocam certos órgãos de luta do movimento negro”; “devemos sempre procurar o melhor meio de nos livrarmos de nosso passado escravocrata, uma delas é esquecer quem nos colocou nesta posição de inferiores na sociedade”.

Mesmo utilizando a pesquisa que pretende demonstrar que somos a minoria na população carcerária, a reportagem traz os seguintes dados: “segundo a pesquisa, a polícia é mesmo mais rigorosa com os negros. Entre os presos em flagrante, 58% eram negros e 46% brancos” (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jun. 1997, p. 63). Essa contradição é

bastante esclarecedora e ao mesmo tempo confusa: como podemos ser maioria nas prisões em flagrante e minoria no processo de encarceramento?

Com isso, objetivamente a ideia é discutir a quem serve de fato a revista *Raça Brasil* e a que classe verdadeiramente ela pertence.

Uma questão crítica no Brasil. Podemos, mesmo com algumas pesquisas, dizer se há alguma forma de nos entendermos como classe, tendo em vista as identidades criadas para os indivíduos negros no país, oriundo de um processo escravista massacrante que foi legalizado por mais de trezentos anos? Pessoas de cor, mesmo após a suposta abolição da escravidão, permaneceram anos nas mãos de seus antigos senhores, o seu direito à cidadania não foi concedido, foram proibidos o voto democrático e outros direitos, que são reivindicados até hoje pelos movimentos sociais das minorias negras.

Para identificarmos essa questão, um dos fatores que devem ser analisados é de onde realmente viemos, qual nossa árvore genealógica:

A África é sem dúvida a mãe de todos os negros brasileiros. Mas, são muitas as suas regiões costumes e etnias. Assim mapeamos o fluxo de escravos que chegaram ao Brasil, para ajudar você conhecer melhor suas origens. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, abr. 1997, p. 76).

É dessa maneira que iremos sempre ser representados na história do Brasil, mesmo na revista dos negros brasileiros.

Contudo, nossa história nasceu na África e não no período colonial.

Nós fomos misturados dentro do processo do tráfico negreiro, povos de diferentes regiões africanas, para que não pudéssemos formar raízes e resistência, pelo escravismo que nos revogou o direito à liberdade e a saber de qual região verdadeiramente a grande maioria dos cidadãos negros realmente se originou.

Na matéria que dedica a discutir sobre de onde viemos, a revista faz sua busca na rota do tráfico negreiro e não na origem da história de cada região da África:

É possível que o Brasil tenha sido abastecido de escravos vindos de diferentes localidades da África. Por isso, o melhor caminho para compreendermos suas origens é tentar acompanhar a rota do tráfico em cada século. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, abr. 1997, p. 78).

Como entender a construção de uma identidade negra se iremos reforçar a nossa origem na escravidão, que é um período de alienação na história do povo negro desta nação? Precisamos de um norte na construção de nossa identidade africana, para saber realmente a que classe pertencemos, e se o termo classe realmente é fruto da construção social desta África distante e desconhecida pela comunidade negra brasileira. Não basta procurar a nossa origem na escravidão. A revista, nessa matéria, reforça outro dado de que a culpa da escravidão partiu também de negros e não da especulação do capital de giro que era a economia escravocrata.

O texto da matéria ainda apresenta estudo do historiador baiano Joao José dos Reis, que faz uma retrospectiva sobre o Reino de Daomé e demonstra que foi uma grande influência política, mas que sofreu uma queda em meados do século XIX, quando os jejes, outra sociedade negra, começou a pilhar as regiões vizinhas, causando grande conflito interno no que podemos chamar de expansão das nações africanas, “e que geraram a propagação dos escravos, pois aqueles que eram capturados, eram vendidos como escravos”. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, abr. 1997, p. 78).

Sempre ouvimos as frases “sou oriundo de reis e rainhas”, “não descendo de escravos, e sim de um povo que foi escravizado”, “minha religião tem ancestralidade na mãe África”. A comunidade negra, que não tem em quem se espelhar e no que se pautar quando discute sua formação, depara-se com a matéria da revista, que nos coloca novamente na pior escravidão, que é a escravidão mental:

esse dado nos ajuda a entender como os negros africanos eram capturados e aponta para a escravidão que já existia na África bem antes de se instituir no Brasil. Alguns autores citam que ela acontecia em pequena escala, mas estudos mais recentes afirmam que se dava em toda a África negra e pelo interesse econômico de não remunerar a mão-de-obra. Daí a fácil aceitação por várias nações africanas do tráfico de escravos, que era uma atividade altamente lucrativa para todos os envolvidos e nos séculos 17 e 18 era considerado um comércio tão respeitável como qualquer outro. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, abr. 1997, p. 78).

Vamos a uma simples constatação. Se era um comércio rentável a todos, por qual motivo a África tornou-se um continente extremamente pobre e miserável, enquanto a Europa, que mais “comprou” escravos para trabalhar compulsoriamente em suas colônias, tornou-se extremamente rica e prospera? Foi o processo de dominação das grandes nações que foram se tornando desenvolvidas com a exploração do continente africano, com sua mão de obra e exploração de seus recursos naturais, advindos de suas colônias. A história do vencedor sempre

estará nas mãos de quem conta o fato histórico a seu favor, ou seja, é reforçada a ideia de que a Europa trouxe aos nativos africanos ou americanos, em verdade, o progresso, e não a dizimação de sua cultura, de sua religião e de seu desenvolvimento social. Podemos, então, pensar: como teremos autoestima, se a revista que deveria ajudar a nos auto afirmar irá buscar nossa história na formação dos povos africanos e sua cultura, religião e modos de vida da suas populações, mas prefere partir da conclusão de que a escravidão foi algo natural na história de nossos ancestrais?

Ao compararmos com outras comunidades, de origem alemã, italiana, japonesa, árabe, entre outras que foram convidadas a formar suas vidas no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, percebemos que ser negro é trabalho árduo e difícil, nossa história baseia-se na fusão de sociedades diferentes africanas.

a união ou mesmo a convivência entre etnias propiciou trocas culturais interessantes. A capoeira e o berimbau por exemplo, são originários da África Central, portanto, utilizados pelos povos bantos. Mas como foram assimilados pelos nagôs da Bahia há quem credite a luta e o instrumento aos Yorubás. Entretanto, ficou muito conhecido na Bahia o tambor e o candomblé de minas, uma etnia de origem banto. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, abr. 1997, p. 80).

Para podermos discutir classe nos moldes da revista, teríamos que supor um país que deu oportunidades iguais a todos os pobres, sejam eles negros, indígenas ou brancos, como se vencer na vida fosse uma concessão e não um processo de enfrentamento das etnias excluídas e suas lutas diárias. Para Marx e Engels,

a história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que sempre terminou ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com declínio comum das classes de luta. (MARX; ENGELS, 1998)

Podemos identificar que nos encaixamos em determinada perspectiva marxista, pois nossa colônia é fruto do avanço europeu. Mesmo com o fim do antigo regime escravista, a nova sociedade moderna, científica e burguesa não abandonou a velha prática do trabalho compulsório, exercido por nossos primos de cor. Somos vistos como propriedade desses novos burgueses e utilizados como mão de obra indispensável para a economia.

Para Edward P Thompson, em seu livro, *A formação da classe operaria inglesa*, o conceito de classe se aproxima mais do nosso cotidiano, numa análise mais heterodoxa à nossa realidade:

a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica. Como qualquer outra relação, é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento sua estrutura. A mais fina rede sociológica não consegue nos oferecer um exemplar puro de classe como tampouco um de amor ou submissão. A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais. Além disso não podemos ter duas classes distintas, cada qual com um ser independente, colocando-as a seguir em relações recíprocas... A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classes é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é forma como essas experiências são tratadas em termos culturais; encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. (THOMPSON, 1987, p. 9-10).

A classe, com o passar dos anos no Brasil, foi criada de acordo com as condições de transformação do social, econômico e estrutural. O país passou a ter fábricas no início do século XX. Entramos no processo de modernização desta sociedade. Com universidades e fábricas em grandes centros urbanos, ocorrerá nova perspectiva de sociedade. Mas como nós negros seremos inseridos neste novo cenário?

Fomos relegados a proibições de cultivar nossa religião de matriz africana; não podemos exercer o direito ao aprendizado da capoeira, luta originalmente criada no Brasil pelos descendentes de africanos aqui escravizados; a lei de vadiagem criada no início do século XX era exercida pelos órgãos de controle social, geralmente, contra negros.

Podemos afirmar, realmente, ou nos considerar como classe, quando se trata de construção social ou identidade brasileira?

Partindo deste pressuposto de classe, nos anos 90 do século XX, temos negros na classe média. Como são vistos nesses espaços de maioria branca e racista? Uma pesquisa pode classificar nossa vida nesses meios, não de forma objetiva e sim subjetiva. O negro pode alçar a classe economicamente superior, contudo será visto sempre como um preto rico ou uma preta rica; a concepção de raça aparecerá sempre primeiro antes de qualquer classificação. Isso se dá pelo racismo individual, intrinsecamente engendrado dentro de nossa sociedade que prefere esconder sua raiz a viver ao lado de pessoas de cor ou de origem negra.

Em seu livro *o Racismo estrutural*, Silvio Almeida traz a concepção do racismo individualista:

o racismo é uma imoralidade e também um crime, que exige que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados, disso estamos convictos. Porém não podemos deixar de apontar o fato de que a concepção individualista, por ser frágil e limitada, tem sido a base de análises sobre o racismo absolutamente carentes de história e reflexão sobre seus efeitos concretos. É uma concepção que insiste em flutuar sobre a fraseologia moralista inconsequente – “racismo é errado”, “somos todos humanos”, “como pode ser racista em pleno século XXI?”, “tenho amigos negros” etc. – e uma obsessão pela legalidade. (ALMEIDA, 2019, p. 37).

Na revista *Raça Brasil*, edição de fevereiro de 1999, temos a seguinte frase no corpo de uma matéria da Seção Cultura e Lazer:

Não há nada tão cheio de sabedoria quanto o ditado popular que diz que “é de menino que se torce o pepino”. E o provérbio cabe como uma luva quando o assunto é o preconceito na pré-escola, uma situação que pode marcar para sempre crianças negras e brancas. (RAÇA BRASIL, Seção Cultura e lazer, fev. 1999, p. 54).

São muitos os casos de racismo em vários espaços de predominância branca, como nas escolas, quando professores despreparados e racistas fazem classificação de alunos bons ou ruins pela cor de cada um; ou quando utilizam a escravização para determinar como são as comunidades negras advindas da África, sem fazer o recorte histórico que contemple como essas comunidades ou sociedades africanas viviam antes de serem sequestradas para o continente americano. O que leva os estudantes a terem vergonha de sua origem, cor da pele e até mesmo de suas feições.

Na edição de maio de 1997, em reportagem intitulada “Como preparar seu filho para o racismo”, a solução sempre aparece que a criança tem que ter autoestima diante do racismo. Como se o problema da criança passar o este tipo de situação fosse natural na escola, que não prepara o corpo docente e muito menos a direção pedagógica:

Também é importante que os pais esclareçam para os filhos a existência de diferenças raciais físicas no que tange a cor da pele, ao cabelo e aos traços, mas que essas diferenças, não podem constituir uma situação de desigualdade e de inferioridade... os pais devem incentivar a apreciar sua imagem, reforçar a beleza da cor, de seu cabelo, assim como sua inteligência e aptidões. Além disso, precisam propiciar contato com outras crianças negras, principalmente

de sua família, como primos, pois são seu grupo de referência. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, maio 1997, p. 77).

O racismo sempre deseja que nós negros estejamos preparados para suportá-lo. O que deveria ser ensinado é combater este racismo, mostrando aos racistas que eles estão errados ao praticar este tipo de ação comum no dia a dia das crianças.

Na Seção Comportamento, da edição de maio de 1997, vemos o relato de uma professora que ensina que todos são iguais, utilizando o livro *O menino marrom*, de Ziraldo:

“...a partir daí, trabalho com meus alunos as diferenças raciais e digo que nada disso faz uma criança melhor ou pior que a outra... Eles costumam dizer: tia aquele menino preto, e eu corrijo: aquele menino tem nome.”. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, maio 1997, p. 78).

Podemos dizer que esta é uma das práticas de combate ao racismo, quando o professor mostra que não há diferenças nos espaços de aprendizado e que todos são iguais. Mas o que realmente vemos nesses espaços são professores que demonizam a presença de pessoas de cor negra e são simpáticas com pessoa de cor branca ou pele clara. O método é utilizar uma psicologia de respaldo branco, de preferência inglês ou francês, com a característica eurocêntrica como modelo de civilização, para grupos de etnias africanos ou indígenas aprenderem ou se espelharem como salvação.

Na reportagem “Brasil, mostra sua cara”, edição de julho de 1997, o enunciado mostra que nós ainda não temos nossa história nos livros didáticos:

Existem capítulos sobre a atuação do negro na trajetória do país que os livros didáticos não contam e deixam grandes lacunas. Se esses episódios fossem incluídos hoje, certamente teríamos de reescrever nossa história. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jul. 1997, p. 62).

Mostra como é difícil de inserir a história da África e dos negros brasileiros nos currículos das escolas brasileiras. O principal motivo é que não há, estudos suficientes nas universidades e muito menos intercâmbio com as universidades africanas:

Autores, editores e educadores são corresponsáveis por esta situação. É função do autor didatizar o conhecimento produzido na universidade. Temos de incorporar as pesquisas mais recentes e importantes da academia, e os editores precisam estar atentos a isso. A preocupação do MEC com o multiculturalismo abre caminho para a reversão desse processo de omissão da história do negro

na África e no Brasil. Mas não basta inserir esses temas nos livros didáticos. É necessário fazer um trabalho de capacitação dos professores, que precisam ter a chance de participar de cursos sobre a temática. Avalia Alfredo Boulos Junior, autor de livros de história didáticos e paradidáticos da editora FTD. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jul. 1997, p. 65).

Sílvio Almeida, em seu livro *Racismo estrutural*, nos mostra que o racismo irá se dividir em três práticas no contexto histórico, uma delas é o racismo institucional:

A principal tese dos que afirmam a existencial do racismo institucional é que conflitos raciais também são parte das instituições. Assim a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. (ALMEIDA, 2019, p. 39-40).

Quando vamos para as escolas, a grande maioria de professores, diretores, orientadores, supervisores é composta por brancos, e suas práticas são ligadas a autores de sua mesma etnia, inviabilizando o entendimento das crianças, que irão introjetar o pensamento do opressor como o espelho social a se seguir. Para a revista, o processo é outro:

Não se pode, entretanto, apontar o professor branco como o único “malfeitor” na reprodução de casa grande e senzala em que se transformou o ambiente escolar. O racismo do professor... independe de raça. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, fev. 1999, p. 54).

Por esse motivo, entre outros de natureza racista, temos a evasão escolar de crianças e adolescentes que introjetam a ideia de não serem bons o bastante para terminar o ensino básico e entrar em uma universidade. Suas perspectivas de futuro são tolhidas por uma sociedade somente relegada aos brancos ou pessoas de pele clara. Uma maneira de entender é na chamada do ponto de vista da revista na edição de agosto de 1997:

Não basta chegar à universidade à custa de empenho e força de vontade, pois, se não mudar a política dos créditos educativos e dos incentivos à educação, será difícil manter-se nela”. (RAÇA BRASIL, Seção Sempre em Raça, ago. 1997, p. 94).

As crianças e os adolescentes negros começam a questionar seu lugar na sociedade e não se veem em vários espaços, como nas profissões de destaque social, entre elas, médicos,

advogados, professores de ensino básico ou universitários, diretores de empresas multinacionais, modelos de beleza masculino ou feminino.

Outra questão que deve ser tratada é o trabalho infantil, um trabalho para afastar as crianças das ruas, das drogas. Crianças pobres, em sua maioria pretas e pardas, veem sua saída da miséria como uma forma de ter um futuro começando trabalhar desde cedo. E esse é o outro fator de como a miséria cria a ilusão de que o trabalho irá melhorar a vida destas pessoas. Na revista, esse assunto é abordado na edição de setembro de 1998:

No Brasil, há 3,8 milhões de trabalhadores com idade entre 5 e 14 anos. só de crianças negras e pardas, são quase 2,3 milhões. A história não é recente, os números assustam, mas só de dez anos para cá o país acordou para o problema. As campanhas que estimulam o fim do trabalho infantil tentam acertar o alvo: tirar o jovem do batente pesado e levá-lo de volta aos bancos escolares. (RAÇA BRASIL, Seção Especial, set. 1998, p. 52).

Passamos a compreender que nosso destino, enquanto maioria da população brasileira, está em profissões como coletores de lixo, seguranças de empresas privadas ou públicas, domésticas diaristas ou nas empresas de serviços gerais, como se o país já tivesse determinado qual é o lugar de cada indivíduo na sociedade, e isso fosse pensado ou determinado como a nossa realidade. Outras atividades estarão ligadas à arte de preto, como jogador de futebol, professor de capoeira, percussionista ou músico em bandas de pagode ou samba, entre outras que não tomem o espaço já determinado para os ditos brancos.

Na reportagem “Profissões do futuro”, em dezembro de 1997, a revista trata de novas oportunidades de empregos como a solução para um futuro profissional promissor:

O mercado de trabalho está mudando e a escolha da carreira certa fica cada vez mais difícil. Para dar uma mãozinha, relacionamos para você cinco profissões que estarão em alta daqui a cinco anos. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, dez. 1997, p. 90).

Nessa linha de pensamento, vemos a perspectiva de a revista nos conduzir a ter uma profissão de respeito e digna. Em “Trabalho: fique esperto!”, a reportagem de fevereiro de 1999 nos coloca:

O Brasil tem 2.500 profissões catalogadas no Ministério do trabalho e mais de 30 mil tipos de serviços derivados. Mesmo assim, o número de desempregados no país cresce a cada dia. Muitas vezes a solução para o desemprego está na

criatividade, no preparo do candidato ou na coragem de buscar uma ocupação decididamente diferente. (RAÇA BRASIL, Seção Trabalho, fev. 1999, p. 44).

Qualquer profissão apresentada pela revista traz em si uma perspectiva de que quem não quer crescer é a comunidade negra, mas apresenta profissões que em sua maioria são ocupadas por pessoas brancas. São elas: comércio exterior, marketing hoteleiro, recreação, vitrinismo e designer de internet, mestre cervejeiro, entre outras; todas profissões ligadas ao ensino superior, com a possibilidade de falar outra língua.

Com a deserção do estudo em massa da escola básica no Brasil, quantos negros têm realmente a chance de chegar aos estudos universitários públicos ou privados? A maioria de pessoas negras luta contra um racismo invisível, e tem que ser duas vezes melhor que um branco, em sua mesma condição social ou financeira. A Seção Comportamento na edição de dezembro de 1997, citada anteriormente, traz o seguinte:

Os novos tempos pedem profissionais qualificados. Isso significa que cursar uma boa faculdade não basta. Assim, estagiar o quanto antes, recorrer a cursos paralelos de idiomas, informática, gerenciamento e gestão são alternativas para compensar a deficiência do ensino. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, dezembro de 1997, p.93).

Estamos cercados pela ignorância branca, que se classifica como de origem europeia. Mas a revista nos coloca como vencedores, que podemos, pelo integracionismo, vencer como muitos outros negros e pretos brasileiros venceram:

Quem possui visão estratégica e globalizada do mercado sobressai sobre os demais na batalha contra a concorrência. Consultores de Recursos Humanos são unânimes ao afirmar: o que mais pesa na hora de fechar um contrato de trabalho é o perfil comportamental do candidato ao emprego. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, dez. 1997, p.93).

Quando nos damos conta de onde nós estamos realmente inseridos nas relações de sociedade, vemos a diferença racial gritante entre descendentes da África e descendentes de europeus, árabes e/ou asiáticos.

Para uma reportagem de julho de 1998, com a matéria “Profissão repórter: a vaga já foi preenchida”, a revista

RAÇA BRASIL colocou quatro repórteres, duas negras e duas brancas, à procura de emprego de secretarias bilíngue e constatou que o preconceito ainda fecha a porta para o profissional negro. Apesar disso, existem caminhos para escapar da discriminação e vencer na profissão... (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jul. 1998, p. 38).

Mesmo mostrando o racismo às claras no mundo no qual vivemos, a revista, logo após, mostra como podemos superar o racismo, quando as negras chegam nas mesmas empresas que as mulheres brancas, com as mesmas qualificações profissionais, e são rejeitadas simplesmente pela cor de pele e pela textura de seu cabelo.

Na página quarenta e dois dessa edição de julho de 1998, a revista traz a história de cinco mulheres negras que estão trabalhando como secretárias, assessoras de banco e editora de comunicação. O relato de todas é o mesmo: “seja discreto”, “mostre nas entrevistas o que você tem de melhor”, “para ser respeitada é necessário ser discreta, competente e determinada”, “é preciso ter uma imagem comum”. O racismo contra irmãs negras e irmãos negros é velado, faz com que nós, pessoas de cor, sejamos discriminados ao tentar ter uma vida digna.

A formação da sociedade brasileira não nos deixa ascender para nenhum lado, muito menos ao benefício social. Somente podemos encher as comunidades periféricas, unidades de reclusão social, onde há o encarceramento em massa do povo preto. Somos constantemente excluídos dos privilégios de ter uma vida pacífica e recheada de felicidades modernas, mesmo construídas por nossas mãos negras. O que nos é relegado é o crime, as drogas ilícitas, a prostituição, sermos jogados e transformados em moradores de rua, vários mecanismos que, desde a sua criação ou construção social, façam com que nunca tenhamos o direito ao bom e ao melhor que sociedade capitalista pós-moderna constrói.

Podemos pensar como a revista e suas matérias contribuem para o processo de alienação e divulgação de se integrar à sociedade racista, e colocar este *modus operandi* como uma transformação social benéfica. Em fevereiro de 1997, a matéria “Mangureira e Bronx...” traz uma amostra de que se a comunidade quer fazê-la deve por si mesma, não é cobrando das autoridades competentes para mudar o espaço, e sim que os negros façam por si mesmos:

Contra a violência e pela comunidade. Esse é o lema de brasileiros e americanos, uns driblando a pobreza com música e esporte, outros reestruturando seu bairro com as próprias mãos. Dois grandes exemplos da força da raça. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, fev. 1997, p. 74).

Mostra nossas comunidades pobres enquanto um lugar feliz para se viver, mesmo com saneamento básico precário e se nem nenhuma visibilidade social. Como se a comunidade pudesse sobreviver sem os direitos mínimos, denominados democráticos ao cidadão comum. Podemos perceber isto na reportagem sobre a Cidade Tiradentes, na Zona Leste da cidade de São Paulo:

Só sai no jornal nas páginas policiais. A Raça Brasil quis ver de perto o que é fato e o que é boato. E descobriu que, mesmo com todos os seus problemas, é dali que pode sair uma verdadeira revolução cultural. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, out. 1998, p. 30).

É uma periferia, onde o lazer é construído por seus moradores e por sua juventude, que se espelha e si mesma e na rádio comunitária para sua transformação social. Mesmo sendo um lugar colocado como perigoso para se viver, dada a violência policial sofrida por seus moradores, nos coloca a questão: a que tipo de senhor deveremos servir para que tenhamos um lugar ao sol?

Essa questão não parece importante para quem vê ou lê as reportagens da revista, na matéria sobre a comunidade da Rocinha, cidade do Rio de Janeiro, em 1999:

Rocinha, um retrato do Brasil... em São Conrado fica favela da Rocinha, uma cidade encravada no morro, despertando curiosidade e, por desconhecimento, medo. Tráfico de drogas e violência são as imagens mais comuns que se faz do lugar. Mas a Rocinha mostra hoje o que o poeta diria ser um novo começo de era, de gente fina, elegante e sincera que soube superar suas dificuldades e se tornar um exemplo para todo mundo. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, fev. 1999, p. 34).

Coloca a comunidade carioca como lugar de grande investimento das empresas emergentes e ONG's, em ascensão de valores, como o "turismo favela", por meio do qual grupos de estrangeiros fazem um *tour* pela comunidade e conhecem a vida fora de sua realidade na Europa ou nos Estados Unidos. Conta com um processo de revigoração que a cultura negra e a cultura nordestina do local criam novas formas de sobrevivência na capital brasileira do turismo:

A confirmação veio por fatos que transformaram a imagem do negro brasileiro. Na mídia, na política e na publicidade, começamos a notar sinais evidentes de que as coisas estavam mudando a nosso favor. Lentamente, é verdade. Afinal, meus irmãos, são mais de 400 anos, desde a escravidão, de

baixa autoestima! Dentro deste avanço é normal que entre nós, negros tenhamos divergências sobre qual o melhor caminho a seguir... ...Este mês celebramos a consciência negra com matérias de alto-astral, como a que fala de brancos que adoram a cultura negra, outra explicando e discutindo as Ações Afirmativas e uma capa que resume o que todo brasileiro quer: igualdade e integração... (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, nov. 1997, p. 3).

Muitos irmão e irmãs de cor ficaram esquecidos no tempo ou foram exterminados, como “Zumbi dos Palmares, o nome da liberdade... o maior líder negro do país chefiou o quilombo mais organizado das Américas que se tem notícia. Rei absoluto dos quilombolas livres, morreu assassinado em uma emboscada, mas sua história permanece viva até hoje”. (RAÇA BRASIL, Seção Memória, nov. 1996, p. 42). E, hoje, na revista, são exaltados, como se o racismo fosse somente um estado de consciência nas pessoas de cor branca, o mesmo que vemos ao nosso redor, quando se fala da capoeira, um comércio nas mãos de pessoas brancas e do suor de capoeiristas de cor negra.

O berimbau pontua os golpes. No ritmo contagiante, a ginga dos lutadores/dançarinos criam desenhos no ar. “E termos como estrela, meia-lua, tesoura e aú já vem se incorporando ao vocabulário de muita gente aqui e em várias partes do mundo...”, nesta matéria, é sobre os grandes mestres do passado na capoeira, nos remete a um momento de luta e resistência do movimento negro, mas, ao lermos a reportagem vemos que é mais uma propaganda, sobre integração, “falar de capoeira regional é falar de mestre camisa... Discípulo de mestre Bimba, nascido em Jacobina e tem 30 anos de capoeira. O primeiro contato com o jogo desse filho de fazendeiro aconteceu nas ruas... (RAÇA BRASIL, Seção Esporte, nov. 1996, p. 85).

Camisa é um homem branco, que levou a capoeira com sua marca registrada, a “Abadá Capoeira”, vendeu a arte como um grande negócio a grandes nações europeias e até nos Estados Unidos. Pessoas brancas aprendem a arte capoeira e a introduzem a suas identidades.

Devemos enxergar o discurso proposto pela revista por trás das entrelinhas. Não que eu não aceite brancos, nesta luta criada originalmente pelos escravizados no Brasil. Mas se analisamos como negros excluídos de nossa identidade, perguntamos: qual é o motivo de se fazer uma reportagem sobre capoeira e exaltar justamente um homem branco, filho de fazendeiro, como o divulgador da capoeira no mundo? Quando vamos às rodas da “Abadá”, vemos, em sua maioria, pessoas brancas de classe média: os uniformes são caríssimos, as passagens de “cordas” (assim são chamados os graus de aprendizado da capoeira) têm preços exorbitantes. Entender que o racismo é um mecanismo de dominação é compreender que

mesmo a capoeira, que é um instrumento de libertação dos negros e negras no momento da escravidão brasileira, se transformou em negócio rentável e próspero nas mãos de pessoas brancas nos anos 90 do século XX.

Exaltar a luta de Malcolm X:

ele foi o principal porta-voz dos muçulmanos negros nos Estados Unidos. Suas pregações, entrevistas, sua postura dinâmica, o tornaram um líder e centro de atenções onde quer que discursasse. Hoje os jovens o têm como referência política e ídolo por ter mostrado seu orgulho de ser negro ao mundo todo... (RAÇA BRASIL, Seção Memória, abr. 1997, p. 66).

Além dos Panteras Negras,

no fim dos anos 60, um grupo de jovens americanos resolveu agir contra a discriminação criando o movimento que provou para os EUA e para o mundo que black is beautiful e black is power! (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, abr. 1997, p. 102).

cria uma comoção sobre a luta dos negros. As matérias trazem fatos históricos que não têm como serem apagados, da memória do movimento negro.

Remete-nos ao fato de que todos os negros que enfrentaram o sistema racista de forma efetiva não tiveram um final feliz, ao contrário, sua trajetória foi de sofrimento e dor:

a grande lição que nós podemos tirar desses e tantos outros conflitos mais recentes nos Estados Unidos é que os principais prejudicados na maioria deles foram os próprios negros. Manifestações pacíficas, como a Marcha de Um Milhão de Homens, em Washington, realizada pelo líder muçulmano Louis Ferrakhan em 1995, mostraram muito mais eficazes que os tiroteios, as pilhagens e os coquetéis molotov. (RAÇA BRASIL, Seção Cultura e Lazer, out. 1998, p. 52).

Devemos ter esses movimentos como referência para uma nova organização negra e efetiva, que ela seja lembrada como uma vitória sempre do povo negro, que desde a sua chegada às colônias americanas tiveram seus direitos de humanidade ceifados pelo lucro e pela ignorância racial.

Em janeiro de 1998, na revista *Raça Brasil*, há um espaço que se chama “A pergunta é...”. Em sua questão vem uma enquete com pessoas negras nas ruas: “O negro americano é mais consciente do que o negro brasileiro?” (RAÇA BRASIL, Seção Gente, jan. 1998, p. 62).

As respostas escolhidas pela revista mostram negros brasileiros que identificam os negros dos Estados Unidos da América como tendo mais oportunidades, e que, por este motivo, a sua consciência de sua negritude é mais declarada do que os negros brasileiros. Não se trata de uma melhor oportunidade de vida ou qualquer outra informação. O mito do país das vantagens, criada pela propaganda estadunidense, faz deduzirmos tanto uma melhor condição social, quanto racial.

O racismo a brasileira é tão cruel ou de certa perspectiva igual ao que sofreram nossos primos de cor nos Estados Unidos, nunca descansa e nos coloca em situação de derrotas sociais, para que não tenhamos a referência nas lutas do passado, como se o racismo aqui tivesse um peso menor sobre nossas cabeças do que com os nossos primos. Uma reportagem com David Dinkins, negro e ex-prefeito da cidade de Nova York, mostra que o negro tem que ser duas vezes melhor para derrubar as percepções sobre a condição dos negros na sociedade. David Dinkins foi o primeiro negro eleito para o cargo de prefeito de Nova York: “Hoje, conta como derrubou os altos índices de criminalidade e saneou o déficit orçamentário de 1,5 bilhão de dólares de uma das cidades mais complexas do mundo”. (RAÇA BRASIL, Seção Gente, maio 1997, p. 58).

O negro no poder, principalmente dentro da instituição branca de poder, traz para nós a possibilidade de vencer e ter um lugar a sombra, ao lado dos brancos donos dos meios de produção. A realidade é que o negro dentro da casa grande, na sociedade moderna, não passa de um instrumento de controle da revolta popular. Nós nos tornamos líderes, como prefeitos, governadores, deputados, senadores e até presidente, não passa de uma armadilha do sistema para dar continuidade à exploração do povo preto e pobre.

No movimento de trazer a memória de grandes negros do passado, reverenciando o que se destacou no meio branco, e sua luta como escritor, poeta, contista e teatrólogo, o que fica evidenciado é o negro que vence aos moldes do sistema construído. Assim é relatada a vida de Machado de Assis, o maior escritor brasileiro do século XIX:

trata-se de uma das mais belas demonstrações dadas pela raça humana – ou, melhor dizendo, pela raça negra – de como a genialidade não tem cor e pode, quando aliada a um enorme esforço pessoal, colocar um brasileiro ao lado de grandes gênios da literatura mundial, como Shakespeare, Cervantes, Balzac... (RAÇA BRASIL, Seção Memória, maio 1997, p. 56).

Reconstrói a memória de Machado de Assis como um herói negro brasileiro com muito esforço, dedicação, e o coloca ao lado de ídolos europeus. O importante é compreender o discurso: o negro, se se esforça da forma correta, irá conseguir se igualar ao branco europeu, demonstrando que inteligência, esforço e genialidade não têm cor, e sim merecimento:

O melhor dos mestres é o estudo. A melhor das disciplinas, o trabalho. Era assim que o celebre escritor pensava e agia, e foi seguindo esse pensamento que ele transformou-se no maior romancista que o Brasil já teve. (RAÇA BRASIL, Seção Memória, maio 1997, p. 57).

O mérito de viver numa sociedade escravocrata e monarquista do século XIX. Pelo estudo e pelo trabalho, o negro, mais uma vez, consegue vencer as barreiras do racismo, da escravidão e da ignorância racial. Houve luta no passado, várias revoltas de escravizados, revoluções negras que mudaram o rumo da história do Brasil e das Américas. E coloca-se como vencedor aquele que é lembrado na memória do sistema branco, que fez um grande esforço para esconder sua negritude.

Passamos por várias transformações sociais e de resistência no século XIX, mas revive-se um passado escravista para dizer que hoje vivemos em condições bem melhores, para poder sentar à mesma mesa que o branco descendente do senhor de engenhos. O compromisso que temos enquanto formadores de opinião ou exemplos de luta, organizados em coletivos, partidos ou movimentos de qualquer tipo engajados na libertação do povo preto, é trabalhar com a verdadeira opressão e o que ela realmente nos causa ou transforma, e não colocar uma maquiagem bonita e dizer que as coisas estão melhorando para que ser palanque de comício racista moderado:

RAÇA BRASIL, é feita para a família negra brasileira, e, ao contrário de outras revistas, não é segmentada para uma determinada faixa etária ou mesmo para uma classe social. O nosso grande objetivo é transformar nossas páginas em exemplos de luta e determinação, para que as experiências vividas por nossos entrevistados sirvam de “espelhos” para a nossa luta pessoal. O que a RAÇA está fazendo é simplesmente tirar o véu da invisibilidade dos negros, mostrando seu valor e sua beleza. Elevando sua autoestima e aceitação...
...Após o surgimento da RAÇA, parece que o Brasil acordou e se viu negro e lindo. Já podem ser vistos pequenos sinais da nossa comunidade negra sendo mostrados, com dignidade, nas outras revistas e nos comerciais de TV. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, jun. 1997, p. 4).

Qual a saída para essa situação? Que se estende por mais de 400 anos. E parece que estamos nos anos 90 do século XX. Basta abrir os *sites* de notícias negras ou da grande mídia que a história se repete. Ou, mesmo no final do século XIX, no Brasil: negros e negras, tendo que comprar sua liberdade, dignidade, tendo que aceitar o cotidiano racista do homem branco e da mulher branca como seus salvadores, e partindo do princípio de que só podemos vencer se nos unirmos aos métodos de dominação racial.

A classe torna-se mais importante do que a raça enquanto colocarmos que é mais importante “ter” do que “ser”. A revista nos remete sempre a este conceito de “seja melhor”, “a vida irá melhorar”, “basta fazer o dever de casa”, que é “compre sempre mais”, “supere seu adversário”. Mostrar negros em destaque nas esferas de predominância branca não transforma nossa realidade, mascara o projeto do Estado, que é o extermínio em massa, o encarceramento em massa dos homens negros e a esterilização precoce nas mulheres negras, que, antes dos vinte e cinco anos, nas camadas mais baixas da sociedade, em sua maioria, possuem de dois a três filhos.

Precisamos mudar o jogo de forma clara. Primeiro, construir a tomada de consciência pela raça: negras e negros construirão por si uma comunidade forte, que busque sempre referências em suas raízes africanas; uma educação libertadora que nos coloque não como vítimas da sociedade ou gratos pelo direito à vida concedida pelos órgãos de dominação social, e sim que nos ensine ou incentive em nós a identidade cultural, social e econômica de um povo que sofreu com a colonização escravocrata, mas soube se libertar através da luta.

O caminho não é fácil de se trilhar. Temos que derrubar a ideologia do negro ladrão, preguiçoso, entre outros adjetivos construídos pelo sistema racista. Mostrar às novas gerações de crianças negras que o racismo existe, e que é uma obrigação do Estado, dos mais velhos, dos professores e dos pais o combate incisivo para o fim desta prática social que perdura por mais de 500 anos. Que somente pela união verdadeira, mesmo com suas contradições, a comunidade negra poderá viver de esperança na melhoria de sua de vida.

Considerações Finais

Os anos 80 e 90 do século XX são palco da transformação na democracia brasileira, e, na luta de classes, as minorias estão em colisão com os bons costumes e a moral cristã estabelecida desde os séculos passados. A redemocratização e o pensamento liberal despertam nas classes o desejo de serem incluídos nesta sociedade, que tenta engessá-los em um padrão de vida que não serve mais e não lhes representa. O “Brasil é um país de todos”: este *slogan* irá dar início a uma nova fase no século XXI.

Começamos os anos 90 do século XX com um projeto de redemocratização, com uma nova Constituição que garantiu direitos e deveres novos aos cidadãos brasileiros. Depois de trinta anos, passamos por uma eleição advinda do voto do povo, de forma democrática na escolha do novo representante da nação. Os negros e negras brasileiros veem, neste momento, uma oportunidade de luta contra seu maior inimigo, invisível e visível ao mesmo tempo, o racismo velado e declarado do povo brasileiro.

Para Stuart Hall:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos de representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos sem influências e organizar tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos... as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens delas construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma comunidade imaginária. (HALL, 2001, p. 50-51).

A cultura nacional é diversa, como afirma a revista *Raça Brasil*, mas sempre somos nós negros que temos que abrir mão de nossos valores, nossas ancestralidades, nosso processo de cultura, e assimilar a cultura do dominador ou criar um sincretismo para sobreviver nas esferas sociais pré-estabelecidas. Ser negro ou negra, nesse país, requer um jogo de cintura. Desde a nossa chegada, como escravizados, deveríamos ser agradecidos, por sermos sequestrados e forçados ao trabalho compulsório, e à aceitação da salvação de um Deus por muitos africanos desconhecido.

Com esse intuito, iremos perceber a origem da revista *Raça Brasil*. Seu editorial tem um negro no comando, que se mantém como classe média. Veridiana K. Nicolini, em sua dissertação de mestrado, faz uma análise da necessidade de Aroldo Macedo como diretor responsável pela edição:

Percebemos primeiramente que a revista surgiu por acaso, não havia ainda um projeto para seu lançamento e como ele não era jornalista, foi convencido pela proprietária da editora, Joana Woo, a dirigi-la. Da parte da diretoria, houve um sentimento de insegurança sobre a publicação, visto que editoras maiores, como a Abril, não haviam pensado em um lançamento para esse segmento da população brasileira... figura de Aroldo Macedo fazia parte da estratégia de lançamento da revista, por ter trabalhado na mídia - na televisão - o que lhe proporcionaria transitar mais facilmente por estas áreas e também por ser bem sucedido em suas atividades profissionais, que acreditamos estar associada à imagem de um negro da classe média, isto é, um negro com potencial de consumo, além de pertencer a esta etnia, fator que poderia contribuir para uma maior aceitação do público. (NICOLINI, 2007, p. 23-24).

A não aceitação de migalhas desperta nos movimentos negros, no plural, pois nossas reivindicações partem de diversos segmentos dentro de um mesmo movimento. Para aceitar uma nova vida, a revista *Raça Brasil* nos traz uma perspectiva de vida diferente, a de que, se nos moldarmos ao pensamento progressista, com muito esforço e trabalho, construiremos uma nação de todos:

Você já fez seus planos para este ano que se inicia? Já escreveu todos os seus objetivos para a futura virada de Milenia? É, porque do jeito que a coisa vai, daqui apouco já é ano 2000... Está tudo muito veloz. Muito rápido e globalizado. Acredito e tenho plena convicção que este será um ano especial para aqueles que creem numa saída positiva para todos os problemas que surgirem. Parece obvio, mas infelizmente ainda encontramos pessoas que preferem ficar se lamentando e fazem da miséria o seu reduto de queixas. Você pode estar na miséria, mas a miséria não pode estar em você. Tenho levado maior fê que o ano de 1999 será muito marcante para todos nós da diáspora negra. Parafraseando Martin Luther King, eu também tenho um sonho... Acho que, neste ano que se inicia começaremos finalmente a ditar nossos próprios passos e pavimentar nossos caminhos de liberdade. Recuperaremos nossa "voz" para a retomada ao diálogo fraternal-racial-étnico-cultural. (RAÇA BRASIL, Seção Linha de Frente, jan. 1999, p. 3).

Qual é o caminho que essas palavras nos apontam? Será que devemos nos conformar cada vez mais com exclusão social, e dizer que estamos progredindo, em um país que mata em dez anos mais de setenta mil negros entre a faixa de 19 a 25 anos de idade de forma violenta

(WASELFISZ, 1998)? Lamentar é buscar dentro desta sociedade excludente, ter realmente sua voz ouvida, e não censurada ou apagada dos meios sociais. Ou vamos ter que passar nossa existência da caridade de artistas negros famosos, e achar que este tipo de iniciativa cria uma sociedade menos racista.

Todos eles têm uma história comum: foram meninos pobres, por um golpe de sorte e muito talento, escaparam do destino triste que já parecia traçado. Viraram adultos de sucesso. E, o mais bonito é que por terem sentido na carne o que é uma infância difícil, eles põem a mão na massa, ajudam as suas antigas comunidades e dão novas perspectivas para milhares de crianças. (RAÇA BRASIL, Seção Comportamento, jan. 1999, p. 76).

Não proponho o fim deste tipo de ação. Ao contrário, esse tipo de ato deve vir com o conhecimento de nossa ancestralidade, da história africana, com a prática de contar nossa raiz que vem do outro lado do Atlântico. Para que essas crianças não sejam apenas bons cidadãos que tiveram uma oportunidade de não entrar para o mundo do crime ou mundo das drogas e se tornem cidadãos aptos para o trabalho escravo sem reclamar de sua situação precária. Para que construam uma história verdadeira de luta por seus direitos e possam chegar em os seus bairros e saber que seus irmãos de cor também estão fora do perigo de serem exterminados simplesmente pela cor de sua pele.

Na revista *Raça Brasil*, encontramos matérias direcionadas principalmente ao público jovem feminino. A maioria de suas seções são sobre beleza, diferentes formas de cabelos, cuidados da pele, hidratação da pele, cuidados com estrias, celulite, entre outros inimigos da estética feminina. Em fevereiro de 1997, na Seção “Antes e Depois”, vemos:

mais volume e vitalidade para seus cabelos. Com o Mega Hair, é possível dar vida novas aos cabelos ondulados ou lisos que não tomam volume. Veja como é fácil ficar mais bonita e mudar seu visual” (RAÇA BRASIL, Seção Beleza e Moda, fev. 1997, p. 22).

Em março desse mesmo ano, a reportagem “Beleza pura”, traz:

novos tempos, novos ares, novas metas. A indústria da beleza está descobrindo o mercado étnico e lançando vários produtos específicos para homens e mulheres negros. Desde xampus, desodorantes, cosméticos até um plano de beleza para cabelos afros. É a nossa vez... (RAÇA BRASIL, Seção Moda e Beleza, mar. 1997, p. 62).

Voltada para a beleza e estética negra, essa matéria mostra uma seção de “fique menos negro e mais parecido com o semblante do seu colonizador”. Há marcas de shampoo e condicionador que hidratam e modelam seu cabelo no processo de ondulação e alisamento; há produto inovador para a depilação sem dor, ou seja, nada de pelos para as mulheres; e novas maquiagens no tom de pele, com o nome de “ebony”. Outra matéria desta mesma edição, é “celulite: livre-se dela”.

Cada seção desta revista dos negros brasileiros nos faz, a cada momento, parecer menos com nossas tradições negras e parecer mais com a preocupação na forma de viver e pensar das pessoas de etnia branca. Se somos a maioria da população brasileira, por que devemos parecer cada vez mais com a minoria da população?

O extermínio de uma cultura ou de povo se dá pela alienação de suas tradições e de seu modo de vida dentro de uma sociedade racista, maciçamente de pensamento europeu. Outra questão que não podemos deixar de lado é o processo de esvaziamento de nossa cultura. Para Rodney William, em seu livro *Apropriação Cultural*:

Reduzir as desigualdades sociais deveria ser o grande desafio de qualquer ordenação política ou econômica. O abismo que separa negros e brancos na sociedade brasileira tem reflexos nas instâncias jurídicas, acadêmica, cultural, religiosa, na saúde e na educação. O racismo atravessa as instituições e ainda marca a subjetividades. O racismo não dá trégua e requer luta e atenção constante, principalmente no que se refere às demandas da negritude e à manutenção das elites, que sempre governaram o país e seguem se beneficiando dos mesmos privilégios construídos no período colonial e escravista e consolidados no capitalismo moderno. (WILLIAM, 2019, p. 119).

Para nossas comunidades, este deveria ser o propósito da revista, lidar contra o racismo de forma mais contundente e enérgica, não fazer seções de matérias e reportagens que nos coloquem como uma sociedade negra que aceita o racismo de forma tranquila e com um sorriso nos lábios, nos dando produtos industrializados para ficarmos cada dia mais parecidos com a dinâmica europeia. Ou reportagens com famosos que se destacaram nos espaços de grande predominância branca, como se isso fosse uma concessão de nosso bom comportamento.

Chamar de lamentação um processo de luta dos movimentos negros, que desejam se libertar do jugo dos dominadores, é nos colocar a serviço da casa grande, é nos dizer que se os nossos senhores de engenho morrerem devemos lamentar essa perda como se fosse parte de nossa construção histórica.

É necessário muito para nos libertar do jugo da ignorância racial: pesquisas, estudos de nossa ancestralidade, formação de grupos organizados que tenham o compromisso de liberdade social e econômica, e, mais importante, pessoas negras que consigam se libertar do jugo do “quem paga mais tem mais razão”.

A partir da leitura do artigo *Raça e gênero no sistema de justiça criminal brasileiro: perfil dos operadores e da população carcerária*, podemos compreender a que está relegada a população negra deste país:

Pode-se indicar, a partir dos dados levantados, que a cúpula do nosso sistema de justiça criminal está muito longe de ser representativa das características raciais da população brasileira, mesmo daquela com nível educacional necessário ao desempenho das respectivas funções – o que sugere (embora não comprove) a existência, no Brasil, de barreiras especificamente raciais de acesso às esferas de maior renda, prestígio e poder. Tem-se aí todo um campo de pesquisas a ser desbravado, em diálogo com áreas afins de investigação e debate, como as que buscam identificar mecanismos discriminatórios no mercado de trabalho; barreiras de acesso à Universidade, e dentro dela, aos cursos de maior demanda e “valor”; motivações e obstáculos nas escolhas profissionais dos negros e negras de alta escolaridade; dispositivos de filtragem racial em carreiras do serviço público, e assim por diante. (MUSUMECI; SOARES; BORGES, 2005, p. 36).

Tentei, pelas páginas citadas da revista *Raça Brasil*, de 1996 a 1999, trazer uma crítica aos movimentos negros, que acreditam que pela integração ou submissão iremos combater o bom combate contra os racistas de plantão; lembrando que o racismo não tem face, mas tem cor e classe que nos colocam em processo na luta, de negros e negras contra seus próprios irmãos de cor em uma constante rivalidade, como se o que importasse fosse o gênero, a orientação sexual ou a condição financeira, mas o que vemos nas estatísticas da sociedade brasileira são pessoas negras que são julgadas primeiro por sua etnia.

A revista tem um papel fundamental nos espaços em que atua, principalmente nas mentes de jovens negros que irão disputar uma vaga de emprego, uma vaga na universidade ou que procuram melhor qualidade de vida. Devemos nos ater que a transformação social das pessoas depende de como elas veem o mundo ao seu redor e de como é disponibilizada essa sociabilidade, que não é fácil construir uma base sólida de vida quando você está sempre à margem dos direitos civis, das boas condições de saúde ou de aprendizado.

Precisamos de um líder de crédito popular? E esse líder virá de qual segmento da comunidade negra? Se for o que a casa grande acredita ser o melhor para nossa população, é melhor se preparar para mais do mesmo.

As negras e negros periféricos, temos que nos organizar para melhorar nossa comunidade, aumentar nossa autoestima, ao formamos nas universidades brancas, e retornar todo esse conhecimento para a melhoria da vida de irmãs e irmãos de cor, que estão nas piores condições, relegados a prisões, drogas, violências domésticas causadas pelo álcool e pelo desemprego.

Ajudar a comunidade a vencer os vícios causados pelo sistema opressor, de que negros e negras vieram ao mundo para servir a supremacia de brancos burgueses e patrões sem caráter que exploram sua mão de obra barata e sem qualificação.

Não podemos mais, como negros e negras conscientes de nossa situação de exploração, aceitar revistas, *sites* de internet, grupos de trabalho, que nos impõem a integração pacífica como meio de luta entre aqueles que não nos respeitam. Escrevo isso pensando que a sociedade deve aceitar nossa ancestralidade, nossa história antes do processo de escravidão, perceber que somos descendentes diretos dos povos que deram origem à humanidade.

Como povo negro, sabemos que não há entre nós essa aceitação total do outro, isso é um fato que não dá para esconder. Mas vivermos isolados de nossas origens, árvores genealógicas, identidade africana, é de tamanha crueldade que não podemos mensurar o mal que esta prática causa a nossos irmãos e irmãs de cor.

A revista *Raça Brasil* teve sua continuidade até os dias atuais. Em 2007, passou a ser publicada pela editora Escala, e tendo, como seu diretor executivo, Mauricio Pestana, ex-secretário da Promoção de Igualdade Racial da cidade de São Paulo. Em 2018, Mauricio Pestana assumiu a revista como CEO e a revista passou a ser conduzida pela editora Pestana Arte & Publicações, sendo editada em papel impresso. A partir de 2020, voltou a ser periódica.

Outra novidade é que a *Raça*, como é denominada no momento, passou a ter um programa de TV em São Paulo, na TV Guarulhos, além do *site* “revistaraca.com.br”:

primeira e mais conceituada revista do Brasil com conteúdo relacionado à cultura afro, a RAÇA é um fenômeno editorial. Nossa primeira edição vendeu mais de 270 mil exemplares, recorde que se mantém imbatível. Até hoje, somos o canal segmentado mais eficiente para falar diretamente com 54% da população brasileira que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é formada por afrodescendentes. Estamos falando de 113 milhões de pessoas. Há 24 anos nas bancas, a Raça continua fazendo história

e ainda mantém o seu protagonismo como a maior revista do segmento negro na América Latina. Os assuntos por nós abordados, como inclusão racial e de gênero, nunca estiveram tão em alta, o que favorece e amplia ainda mais a representatividade do público da revista. Seguimos quebrando paradigmas. Contrariando a tendência de crise do mercado editorial, a Raça resgata a periodicidade mensal em 2020 e reforça a integração do impresso com o universo digital. Essa adaptação, iniciada em 2018 e receberá muito mais atenção e investimentos neste ano, intensificando o site, o canal no YouTube, o Instagram, o Facebook e o LinkedIn (RAÇA, Quem somos, <https://revistaraca.com.br/>).

Fontes

- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 1, set. 1996.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 1, out. 1996.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 1, nov. 1996.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, fev. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, mar. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, abr. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, maio 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, jun. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, jul. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, ago. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, nov. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 2, dez. 1997.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3, jan. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3, jul. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3, ago. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3, set. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3, out. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3 nov. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 3, dez. 1998.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 4, jan. 1999.
- RAÇA BRASIL: a revista dos negros brasileiros. São Paulo: Símbolo, ano 4, fev. 1999.
- RAÇA BRASIL. Especial Black Music. São Paulo: Símbolo, ano 1, abr. 1997.

Web sites

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA:

www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/.../180604_atlas_da_violencia_2018.pdf

Revista Raça Brasil:

<https://revistaraca.com.br/>

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BRASIL. Decreto de 20 de novembro de 1995. Institui Grupo de Trabalho Interministerial, com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da População Negra, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, p. 18618: 21 nov. 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/DNN/Anterior_a_2000/1995/Dnn3531.htm#textoimp resso.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, n. 23, p. 100-122, 2007.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 197- 207, mar./ago. 1985.
- FERRARA, Miriam Nicolau A imprensa negra paulista (1915-1963). **África**, São Paulo, n. 6, p. 167-168, 1983.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- INSTITUTO AMMA Psique e Negritude. **Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- KOFES, Suely. Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6/7, p. 241–296, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MUSUMECI, Leonarda; SOARES, Barbara M.; BORGES, Doriam. **Raça e gênero no sistema de justiça criminal brasileiro: Perfil dos operadores e da população carcerária**. Rio de Janeiro: CESeC/PNUD, 2005.
- NICOLINI, Veridiana Kunzler. **Revista Raça Brasil: negros em movimento (1996-2004)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PACHECO, Ana Cláudia L. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”**; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **“O mundo negro”**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

RAÇA BRASIL descobre o país negro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 set. 1996. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/07/ilustrada/23.html>

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo (Orgs.). **Racismo cordial**. A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil. São Paulo: Folha de S. Paulo; Datafolha; Ática, 1995.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência contra jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen, 2019.